



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**O ENVOLVIMENTO PATERNO DE ADOLESCENTES
COM O BEBÊ**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Márcia Elisa Jager

Santa Maria, RS, Brasil,

2014

**O ENVOLVIMENTO PATERNO DE ADOLESCENTES
COM O BEBÊ**

Márcia Elisa Jager

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do
Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Garcia Dias

Santa Maria, RS, Brasil,

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Jager, Márcia Elisa
O envolvimento paterno de adolescentes com o bebê /
Márcia Elisa Jager.-2014.
99 f. ; 30cm

Orientador: Ana Cristina Garcia Dias
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2014

1. Paternidade 2. Adolescência 3. Envolvimento
Paterno 4. Teoria Bioecológica 5. Práticas de cuidado I.
Dias, Ana Cristina Garcia II. Título.

© 2014

Todos os direitos autorais reservados a Márcia Elisa Jager. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: marciajager@yahoo.com.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O ENVOLVIMENTO PATERNO DE ADOLESCENTES
COM O BEBÊ**

elaborada por
Márcia Elisa Jager

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

Comissão Examinadora:

Ana Cristina Garcia Dias, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Dorian Mônica Arpini, Dr^a (UFSM)

Mauro Luis Vieira, PhD (UFSC)

Santa Maria, 07 de Março de 2014.

AGRADECIMENTOS

Os dois anos de mestrado e a possibilidade de crescimento pessoal e profissional gerado pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria gera agradecimentos por um grupo de pessoas especiais.

Agradeço à minha família pelo apoio recebido, torcida e compreensão pelos momentos de ausência.

Agradeço ao meu noivo pelo apoio e pelos momentos de aconchego e companhia em dias nos quais a lista de prioridades ultrapassava 24 horas...

Agradeço às minhas colegas e amigas (Danielle da Costa Souto, Meiridiane Domingues de Deus, Elenara Farias Lazarotto da Costa, Tatiane Capellari e Raquel Flores Lima) que, em algum (ou em vários) momento, me auxiliaram durante o processo de coleta de dados e produção científica.

Agradeço à minha turma de mestrado pelos encontros divertidos e acolhedores, pelos vínculos afeitos construídos e pela rede de apoio criada durante estes dois anos de muito estudo, dedicação e carga horária “pesada”.

Agradeço aos professores que ofereceram seu afeto, seus conhecimentos teóricos e práticos e investiram em minha formação.

Agradeço à minha orientadora, Ana Cristina Garcia Dias, pela oportunidade e pela confiança depositada em mim, há dois anos. Agradeço pelas orientações e pelo conhecimento oferecido durante este período importante para minha formação.

Agradeço à banca examinadora (Dorian Mônica Arpini, Mauro Luis Vieira e Samara Silva dos Santos) pela leitura atenta e cuidadosa e pelas orientações oferecidas.

Um agradecimento especial a Deus pela oportunidade de realizar o mestrado e pelas pessoas colocadas em meu caminho que funcionaram como um importante apoio em todos os momentos vividos.

RESUMO

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Dissertação de Mestrado

O ENVOLVIMENTO PATERNO DE ADOLESCENTES COM O BEBÊ

AUTOR: MÁRCIA ELISA JAGER
ORIENTADORA: ANA CRISTINA GARCIA DIAS
Santa Maria, 07 de Março de 2014.

O objetivo deste estudo é compreender a vivência da paternidade adolescente e o envolvimento paterno em práticas de cuidados oferecidos ao bebê. Participaram do estudo três pais adolescentes de camadas populares, pais pela primeira vez de um bebê saudável. Os instrumentos utilizados foram duas entrevistas semiestruturadas, sendo uma delas sobre paternidade e a outra sobre práticas de cuidados ao bebê, criadas especialmente para atender os objetivos do estudo. Estas entrevistas foram realizadas em dois momentos: logo após o nascimento e aos seis meses de vida do bebê. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo, de caráter longitudinal, dando atenção às particularidades e semelhanças entre os casos. Os resultados foram organizados em três estudos. Um estudo teórico que busca discutir, através da teoria bioecológica do desenvolvimento humano, o envolvimento paterno de adolescentes com as práticas de cuidados ao bebê. Um estudo empírico com o objetivo de compreender como adolescentes de classes populares percebem a transição para a paternidade. Um terceiro estudo, também de caráter empírico, que busca compreender o envolvimento paterno de pais adolescentes em práticas de cuidados ao bebê. O conjunto dos principais resultados encontrados nos três estudos indica a importância de se conhecer as características pessoais, familiares e sociais dos pais adolescentes e o padrão de relações estabelecidas nos diferentes ambientes dos quais participam. Esta compreensão favorece o entendimento das variáveis que interferem na vivência da paternidade durante a adolescência e no envolvimento paterno em práticas de cuidados oferecidos ao bebê.

Palavras-chave: Paternidade. Adolescência. Envolvimento.

ABSTRACT

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
POSTGRADUATION PROGRAM IN PSYCHOLOGY
MASTER'S THESIS**

PATERNAL INVOLVEMENT OF ADOLESCENTS WITH BABY

AUTHOR: MÁRCIA ELISA JAGER

ADVISER: ANA CRISTINA GARCIA DIAS

PLACE AND DATE OF DEFENSE: SANTA MARIA, MARCH 07, 2014.

This study aims to understand the experience of adolescent parenthood and father involvement in child care. Three lower-class teenage parents who were first time parents of a healthy baby took part in this study. The instruments used were two semi-structured interviews, one of them about parenting and other child care, especially created to reach the objectives of the study. These interviews were conducted in two periods: immediately after birth and six months after it. For this an outline of longitudinal collective case study was used in such way pointing out the particularities and similarities between the cases. The results were organized in three studies. A theoretical study discusses teenage father involvement in child care through the bioecological theory of human development. An empirical study aiming to understand how lower-class adolescents perceive the transition to parenthood. A third study, also empirical one, that seeks to understand father involvement in child care when parents are teenagers. All the main results found in all three studies indicate that knowing the personal, family and social characteristics of teenage parents and the relationship patterns established in different environments in which they participate are of utmost importance. This understanding promotes better awareness of the variables which affect the experience of parenthood during adolescence and parental involvement in child care.

Keywords: Parenting. Adolescence. Involvement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
ARTIGO 1	11
Resumo.....	11
Abstract.....	11
Introdução.....	12
Método.....	13
Desenvolvimento.....	14
Conclusão.....	22
Referências.....	22
ARTIGO 2	25
Resumo.....	26
Abstract.....	26
Resumen.....	27
Introdução.....	28
Método.....	29
Participantes.....	29
Instrumentos, delineamento e procedimentos.....	30
Análise das Informações.....	31
Resultados.....	32
Discussão.....	37
Considerações Finais.....	48
Referências.....	49
ARTIGO 3	54
Resumo.....	56
Abstract.....	56
Resumen.....	57
Résumé.....	57
Introdução.....	58
Método.....	60
Participantes.....	60
Instrumentos, Delineamento e Procedimentos.....	60
Análise das Informações.....	62
Resultados.....	62
Discussão.....	67
Considerações Finais.....	78
Referências.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	90
Ficha de Triagem.....	91
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	92
Entrevista sobre paternidade.....	93
Entrevista sobre práticas de cuidados com o bebê.....	96

INTRODUÇÃO

A dissertação de mestrado apresentada é um recorte do projeto de pesquisa guarda-chuva “Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança” construído por Jager e Dias (2012). O projeto se caracteriza como um estudo longitudinal e tem por objetivo compreender a vivência da paternidade adolescente e como se desenvolve a relação pai-bebê, com uma atenção especial às práticas de cuidados paternos, nos primeiros doze meses de vida da criança. O estudo acontece em três fases: Fase I – até 40 dias após o nascimento do bebê; Fase II – 6º mês de vida do bebê e Fase III – 12º mês de vida do bebê. No que se refere à vivência da paternidade, as três fases da pesquisa buscam compreender o processo de transição para a paternidade e identificar alguns fatores que influenciam nesta vivência. Já no que se refere ao envolvimento paterno em práticas de cuidados, as três fases da pesquisa buscam entender o processo de participação paterna em práticas de cuidados ao bebê ao longo dos primeiros doze meses de vida da criança e perceber os fatores que influenciam neste envolvimento. Esta pesquisa de mestrado desenvolve um estudo sobre as duas primeiras fases do projeto guarda-chuva descrito (Fase I – 40 dias após o nascimento do bebê e Fase II – seis meses de vida)

Os instrumentos utilizados para a coleta de informações do projeto guarda-chuva foram uma ficha de triagem (Apêndice 1) para identificar os critérios de inclusão dos participantes, uma ficha de dados socioeconômico e cultural para caracterizá-los e duas entrevistas semiestruturadas (paternidade e práticas de cuidados) para investigar as questões do estudo. Para a realização deste estudo utilizou-se a ficha de triagem (Apêndice 1), a entrevista sobre paternidade (Apêndice 3) e a entrevista sobre práticas de cuidados ao bebê (Apêndice 4). Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo de caráter longitudinal. O estudo de caso coletivo busca compreender as especificidades e semelhanças entre os casos para melhor aferir seus resultados (Stake, 1994). O estudo longitudinal permite uma compreensão mais profunda sobre as relações e variáveis que interferem em um fenômeno. Acompanhar um grupo de participantes ao longo do tempo permite identificar a evolução de relações e as variáveis que interferem neste processo (Anstey & Hofer, 2004).

O processo de seleção dos participantes para projeto guarda-chuva ocorreu através do preenchimento da ficha de triagem durante o período de Janeiro à Março de 2013 em dois hospitais públicos da cidade de Santa Maria/RS. Para participar do estudo os pais deveriam, no momento do primeiro contato, morar na cidade de Santa Maria/RS, ter até 20 anos de

idade, ser pai (biológico) pela primeira vez de um bebê saudável, estar em um relacionamento amoroso com a mãe do bebê e pertencer à classe econômica D ou E (renda familiar até R\$1.126,00) (Neri, 2010).

Foram preenchidas 367 fichas de triagem (119 pastas de parturientes e 248 triagens durante a realização do teste de orelhinha) e identificados 41 pais com até 20 anos de idade. Foram excluídos do estudo 29 adolescentes: treze não mantinham relacionamento amoroso com a mãe do bebê; doze não moravam em Santa Maria; um já era pai de bebê com mais de 40 dias, um não foi possível identificar o número de telefone, um adolescente já estava sendo pai pela segunda vez e um deles não era o pai biológico do bebê.

Assim, 12 adolescentes constituíram a amostra de possíveis participantes do estudo. Destes, cinco não comparecem na primeira entrevista e não demonstraram interesse em participar do estudo. A amostra de participantes para a Fase I do estudo de Jager e Dias (2012) contou com sete pais adolescentes. A primeira entrevista (Fase I) aconteceu mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2), em local cedido pelo hospital em dia e hora apropriados ao participante. A segunda entrevista (Fase II) foi realizada com cinco pais adolescentes, uma vez que dois deles desistiram de colaborar com o estudo. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Dos cinco pais que participaram da Fase I e II da pesquisa, selecionaram-se três adolescentes para a realização deste estudo, conforme os seguintes critérios: 1) ter participado da Fase I e II e 2) ter oferecido informações completas e ricas em significados (ausência de respostas lacônicas, tais como: “*bom*”; “*mais ou menos*”; “*não sei explicar*”; “*normal*”). Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Santa Maria, conforme parecer 148.671.

Os resultados são apresentados em forma de relato longitudinal, permitindo a compreensão das diferenças da vivência da paternidade e das práticas de cuidados oferecidos ao bebê no período de até 40 dias após o nascimento ao 6º mês de vida. Em um primeiro momento apresentam-se as informações oferecidas pelos adolescentes na entrevista realizada aos 40 dias após o nascimento do bebê e posteriormente as informações oferecidas na entrevista realizada aos seis meses de vida do bebê. Após esta apresentação, as entrevistas são analisadas qualitativamente e organizadas em categorias construídas a partir eixos norteadores das entrevistas. Estas categorias são discutidas com bases na teoria bioecológica do desenvolvimento humano.

Essa dissertação apresenta-se dividida em três artigos: um estudo teórico e dois estudos empíricos. O estudo teórico (estudo 1) se refere à uma revisão narrativa da literatura que busca refletir sobre o envolvimento paterno e as práticas de cuidados ao bebê no contexto da

adolescência, levando em consideração a teoria bioecológica do desenvolvimento humano. Os estudos empíricos referem-se a investigação sobre como adolescentes de classes populares percebem a transição para a paternidade (estudo 2) e como ocorre o envolvimento paterno (com foco nas práticas de cuidados) com o bebê (estudo 3) em dois momentos distintos: logo após o nascimento e aos seis primeiros meses de vida.

ARTIGO 1

**Paternidade Adolescente e o Envolvimento Paterno na Perspectiva Bioecológica do
Desenvolvimento Humano¹****Teenage Fatherhood and Involvement in Paterno Bioecological Perspective of Human
Development****Márcia Elisa Jager²****Ana Cristina Garcia Dias³**

Resumo: O objetivo deste estudo é discutir, através da teórica bioecológica do desenvolvimento humano, o envolvimento paterno de adolescentes com as práticas de cuidados ao bebê. Para tal realizou-se uma revisão narrativa da literatura, organizada em dois eixos norteadores: (1) A teoria bioecológica do desenvolvimento humano guiando o entendimento de envolvimento paterno e (2) "Ser pai", envolvimento e participação nas práticas de cuidados ao bebê na paternidade adolescente. O primeiro eixo discute os fatores capazes de interferir na relação pai-bebê e na participação paterna em práticas de cuidados oferecidas à criança. O segundo eixo discute os fatores que influenciam na participação paterna nas práticas de cuidados ao bebê no contexto da paternidade adolescente. Destaca-se a importância de se conhecer os pais adolescentes, suas características pessoais, os padrões familiares existentes, projetos de vida e como se constituem suas relações sociais nos diferentes ambientes dos quais participam.

Palavras-chave: paternidade; adolescência; práticas de cuidados; desenvolvimento humano; teoria bioecológica.

Abstract: The main goal of this study is to discuss teenage father involvement in child care through the bioecological theory of human development. To achieve this there was a narrative literature review, organized into two guiding principles: (1) The bioecological theory of human development leading the understanding of parental involvement and (2) " Being a parent " , involvement and participation in child care in adolescent parenthood. The first axis discusses the factors which can affect the parent-infant relationship and paternal participation in care practices offered to the child. The second axis discusses the factors that influence paternal involvement in infant care in the context of adolescent parenthood. It is of utmost importance to know the teenage parents, their personal characteristics, existing family patterns, life projects and how they constitute their social relations in different environments in which they participate.

Keywords: Parenting, teenagers, child care, human development, bioecological theory.

¹ Este artigo está apresentado conforme normas da revista Pensando Famílias, na qual será submetido após aprovação da banca ajustes teóricos e metodológicos solicitados.

² Psicóloga. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente trabalha como professora no curso de Psicologia no Centro Universitário Franciscano (Santa Maria/RS) e trabalha em consultório clínico privado.

³ Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução

A paternidade, seja ela uma experiência vivida na fase adulta ou adolescente, implica em um papel que transcende o ato de procriar. Ser pai é exercer, de fato, a função paterna, é envolver-se efetivamente com o filho por meio da realização de cuidados diretos e indiretos (Houzel, 2004). Uma revisão sistemática da literatura nacional realizada por Jager e Dias (2012) indica que a relação pai-bebê perpassa diferentes variáveis, tais como: a idade em que se torna pai, desejo pela gestação, características do bebê, situação conjugal, rede de apoio, condições de trabalho do pai e características da relação entre o pai e a bebê/criança. Estas variáveis determinam o envolvimento paterno do pai com seu filho. O envolvimento paterno pode ser compreendido de diferentes maneiras (Bolli, 2002). Entretanto, destaca-se a compreensão desenvolvida por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987), uma vez que esta parece ser comumente utilizado em pesquisas sobre a interação pai-filho em diferentes contextos e fases do desenvolvimento infantil (Bolli, 2002).

Este modelo entende que o envolvimento paterno acontece de forma sistemática, podendo se apresentar através de três diferentes dimensões: acessibilidade, responsabilidade e engajamento/interação. A acessibilidade refere-se à presença paterna e à disponibilidade do pai para atender às necessidades da criança. A responsabilidade contempla a responsabilidade pelo bem-estar e segurança do filho. Já a dimensão engajamento/interação se refere à participação paterna nos cuidados diretos e indiretos despendidos à criança, como por exemplo: cuidados com a alimentação, a troca de fraldas e participação em atividades de lazer (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987).

Especialmente nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento psicológico da criança é impulsionado pelo seu envolvimento em interações recíprocas com pessoas com quem estabelece apego emocional mútuo e permanente: comumente, os pais (Bronfenbrenner, 2011). Nos seis primeiros meses o bebê precisa de alguém que atenda suas necessidades biológicas e fisiológicas. Práticas de cuidados que atendam estas necessidades, quando acompanhadas de um investimento afetivo por parte dos pais, são responsáveis pela construção do apego. Assim, a maneira como os pais cuidam do bebê vai eliciar determinados comportamentos na criança que, por sua vez, retroalimenta o comportamento dos pais. Este processo determina a relação parental e padrões relacionais futuros (Brazelton & Cramer, 2002).

Neste sentido, entender como ocorrem essas relações iniciais cuidador-criança é uma forma de atuar na prevenção e promoção da saúde e do desenvolvimento humano, uma vez que os padrões de relações ainda estão sendo estabelecidos (Macarini, Martins, Minetto, & Vieira, 2010). No contexto da paternidade adolescente, o estudo voltado para pais e bebês pode embasar intervenções precoces, visando à promoção do desenvolvimento da criança e da família como um sistema. Por estas razões, esse estudo tem como objetivo discutir, através da teórica bioecológica do desenvolvimento humano, o envolvimento paterno de adolescentes com as práticas de cuidados ao bebê. Esta teoria admite que influências biopsicossociais determinam comportamentos frente um fenômeno e que as relações proximais (resultados de interações recíprocas que uma pessoa estabelece com a outra) são forças motivadoras para o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011).

Método

Foi realizada uma revisão narrativa de literatura. Este tipo de revisão apresenta uma temática mais aberta, onde dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção. A busca das fontes de dados não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, fornecendo ao autor informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva. A revisão narrativa de literatura não apresenta as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção de trabalhos. Esta revisão constitui, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor (Bernardo, Nobre, & Janete, 2004, Cordeiro, Oliveira, Rentería, & Guimarães, 2007). Assim, os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para discutir um determinado assunto sobre um ponto de vista teórico ou contextual (Rother, 2007). Por isto, optou-se por este tipo de estudo teórico, uma vez que se buscou discutir sobre o envolvimento paterno de adolescentes levando em consideração o ponto de vista da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. Para tal, lançou-se mão de artigos publicados em bases de dados eletrônicas e livros que discutissem o assunto em questão.

Desenvolvimento

A discussão da literatura é apresentada de acordo com dois eixos temáticos: (1) A teoria bioecológica do desenvolvimento humano guiando o entendimento de envolvimento paterno e (2) “Ser pai”, envolvimento e participação nas práticas de cuidados ao bebê na paternidade adolescente. Estes eixos temáticos foram construídos para facilitar a apresentação de alguns pressupostos da teoria bioecológica, a discussão de como eles podem ser utilizados para entender o processo de envolvimento paterno e como podem servir de base para a compreensão da relação pai-bebê e sua participação nas práticas de cuidados, na adolescência.

A Teoria bioecológica do desenvolvimento humano guiando o entendimento do envolvimento paterno

Esta seção exhibe, de forma breve, alguns dos principais pressupostos da teoria bioecológica do desenvolvimento humano idealizada por Urie Bronfenbrenner. Em seguida, discutem-se fatores capazes de interferir na relação pai-bebê e na participação do pai em práticas de cuidados que são oferecidas à criança, articulando-se com as ideias apresentadas sobre a teoria.

Na perspectiva da teoria bioecológica, o desenvolvimento humano acontece, principalmente, através de quatro componentes interdependentes, representado pelo modelo P-P-C-T (Processo – Pessoa - Contexto – Tempo). Este modelo compreende o desenvolvimento humano como resultado de mudanças de ordem biológica, psicológica e social. Estas mudanças são influenciadas pelo desenvolvimento biológico da pessoa e pelas relações que ela estabelece em diferentes ambientes sociais dos quais faz parte ao longo de seu ciclo vital (Bronfenbrenner, 2011).

Especificadamente, o componente “Processo” refere-se aos papéis e atividades diárias (interações recíprocas) da pessoa em desenvolvimento. Os processos podem ocorrer tanto no meio imediato à pessoa quanto no mais distante e são denominados processos proximais. Estes processos acontecem através de atividades individuais regulares e em períodos estendidos de tempo entre sistemas de díades, tríades, etc. Isto possibilita o desenvolvimento recíproco, visto que, na medida em que um membro da díade se desenvolve, o outro também se desenvolverá (Bronfenbrenner, 2011).

Para Bronfenbrenner e Morris (1998), os processos proximais (produto das interações recíprocas duradouras entre díades, tríades...) são como máquinas ou motores para o

desenvolvimento e ocorrem na mente humana. Desta maneira, as relações recíprocas entre pessoas, objetos e símbolos que acontecem no ambiente externo por um determinado período de tempo são transformadas em processos proximais, uma vez que geram percepções, cognições, emoções e motivações frente a determinadas situações e determinam comportamentos futuros. Assim, os conteúdos das relações recíprocas externas duradouras se tornam representações mentais internas, ao mesmo tempo em que as relações recíprocas externas são determinadas pelas representações mentais internas. Este processo bidirecional determina o processo proximal (Bronfenbrenner, 2011).

O componente “Pessoa” considera as características pessoais capazes de influenciar o curso do desenvolvimento psicológico (Bronfenbrenner, 2011). Neste componente existem três principais grupos de características que influenciam nos processos proximais: disposição, recurso e demanda. A disposição contempla características generativas (curiosidade, iniciativa...) e características inibidoras (timidez, insegurança...) que colocam e mantêm os processos proximais em ação. O recurso refere-se às capacidades físicas, mentais e intelectuais que irão permitir que a pessoa se engaje em processos proximais. A demanda, por sua vez, são atributos pessoais (aparência física, simpatia, idade, cor da pele, gênero...) que podem solicitar ou impedir reações do ambiente social (Bronfenbrenner, & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2011).

Já o componente “Contexto” traz os diferentes ambientes nos quais as interações recíprocas duradouras podem ocorrer, sejam elas em um meio imediato à pessoa ou em um meio mais distante. Este componente contempla relações ocorridas no microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Bronfenbrenner, 2011). Estes quatro sistemas ecológicos interferem mutuamente entre si e são capazes de sustentar ou sufocar o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1996).

O microssistema compreende o local imediato no qual o sujeito em desenvolvimento está inserido (Bronfenbrenner, 1996). Neste local (casa, escola e/ou trabalho) o sujeito se relaciona com diferentes pessoas e desempenha distintos papéis (Bronfenbrenner, 2011). O mesossistema refere-se à interação entre dois ou mais microssistemas dos quais a pessoa participa ativamente (por exemplo, para os adultos, vínculos entre família, trabalho e vida social) (Bronfenbrenner, 1996). O exossistema traz a ligação entre dois ou mais ambientes, onde em um deles não existe a pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011). O macrossistema agrupa as características presentes em todos os outros ambientes e compreende os padrões culturais gerais de uma sociedade

(Bronfenbrenner, 1996). Ainda, inclui sistemas sociais instigadores de crenças, recursos, riscos, estilos de vida, oportunidades estruturais e opções de projetos de vida (Bronfenbrenner, 2011).

O componente “Tempo” envolve dimensões da temporalidade. Este componente envolve mudanças nos eventos em curto ou longo prazo e podem ser entendidas em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. No micro e mesotempo é possível compreender como uma experiência particular ou de transição de vida influencia no desenvolvimento de um mesmo grupo de pessoas. Já o macrotempo, por exemplo, permite entender as mudanças ocorridas ao longo de gerações (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2011). Um exemplo disto pode ser a maneira de se perceber a paternidade ao longo do tempo e as diferenças atribuídas ao papel do pai na família e educação dos filhos (Souto & Jager, 2013). A retrospectiva histórica mostra que no período colonial norte-americano, no qual as atividades rurais familiares predominavam, o pai aparecia como uma figura pouco afetiva. Era representado como o patriarca, figura de autoridade, exercendo um forte poder sobre a família. Durante este período, o pai era responsável pela formação do juízo e valores dos filhos, sendo suas ordens inquestionáveis (Goetz & Vieira, 2011). Já atualmente, o pai aparece desempenhando uma função mais igualitária com a mãe, assumindo responsabilidades nos cuidados e na educação dos filhos (Ramires, 1997).

A paternidade e o envolvimento paterno nas práticas de cuidado ao bebê podem ser entendidos a partir do modelo P-P-C-T descrito. Este modelo possibilita reconhecer que o envolvimento que o pai adolescente estabelece com seu bebê e sua participação nas práticas de cuidados pode ser influenciada por características pessoais (suas e de seu bebê) (Pessoa) e por suas relações recíprocas duradouras com outras pessoas (Processos) nos diferentes contextos do qual faz parte (micro, meso, exo e macro), ao longo do tempo (Tempo). Estas relações recíprocas resultam em processos proximais que irão determinar as transformações e as mudanças nos papéis e comportamentos dos adolescentes frente à paternidade e à relação com seus filhos (práticas de cuidados).

Esta forma de compreender o envolvimento e a participação do pai nas práticas de cuidado ao bebê possibilita considerar, conforme sugere Bronfenbrenner (2011), as particularidades que envolvem a construção do vínculo pai-bebê, uma vez que cada indivíduo sofre influências contextuais particulares. Destacam-se alguns fatores que podem interferir na relação pai-bebê: características individuais do pai, idade com que se torna pai, nível de escolaridade, características

individuais da criança, relação que o sujeito que vive a paternidade hoje teve com seu próprio pai, qualidade da relação conjugal, características do emprego, rede de apoio disponível, identificação quanto ao próprio papel de gênero, entre outras (Bonney, Kelly, & Levant, 1999). Conforme os pressupostos da teoria bioecológica (Bronfenbrenner, 2011), os quatro primeiros fatores constituem alguns aspectos do elemento “Pessoa”. Os aspectos psicológicos e pessoais do pai e da criança poderão (ou não) movimentar, sustentar e encorajar seus processos de interações recíprocas com as outras pessoas nos diferentes contextos.

Os elementos seguintes constituem alguns aspectos do elemento “Contexto”: as relações com o próprio pai e a qualidade da interação conjugal constituem elementos do microsistema, contexto imediato onde a maioria das relações recíprocas acontece. Estas relações constituem-se como processos proximais e determinam a maneira como o pai vive e percebe sua paternidade. As características do emprego do pai se referem ao mesossistema, onde as condições de trabalho e as relações estabelecidas neste local interferem no tempo disponível do pai para o estabelecimento de relações recíprocas pai-bebê, pai-mãe, pai-mãe-bebê. A rede de apoio disponível ao jovem pai ilustra os elementos do exossistema que influenciam no apoio recebido para superar as situações adversas que pode enfrentar. A identificação quanto ao papel de gênero na família e na sociedade constitui-se como elemento do macrosistema, determinado pelas características sociais, históricas e culturais do contexto no qual o pai está inserido (Bronfenbrenner, 2011).

Ainda, as atitudes maternas precisam ser consideradas para compreender o envolvimento e o nível de participação paterna nas práticas de cuidados ao bebê (Bronfenbrenner, 2011). Dentre estas atitudes, destacam-se: incentivo e abertura para participação em práticas de cuidados, apoio para o desenvolvimento das habilidades masculinas para o cuidado e disponibilidade para o acolhimento das dificuldades encontradas pelos pais (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2012).

Entretanto, é necessário reconhecer que algumas mulheres podem não querer que os pais se envolvam mais com os filhos do que eles normalmente o fazem. Isto porque as mães podem não perceber seus companheiros como competentes para cuidar do bebê, ou até mesmo se sintam ameaçadas pela perda do lugar (ideal) da única pessoa capaz de cuidar bem de um filho. Assim, os comportamentos maternos podem incentivar ou inibir o envolvimento do pai com a criança, na

medida em que oferecem a possibilidade para o pai desenvolver habilidades de cuidados ou não (Parke, 1996).

O papel da mãe no processo de inserção do pai nos cuidados ao bebê é importante para que este se sinta capaz de realizá-los. A relação que o pai estabelece com a mãe durante a prática de cuidados ao bebê pode constituir-se em uma díade observacional – uma pessoa observa (com interesse) a outra durante a realização de alguma atividade (Bronfenbrenner, 1996) e contribuir para a participação paterna. Considerando a perspectiva bioecológica, é possível que o pai, através da díade observacional, apresente um crescente envolvimento nas práticas de cuidados ao bebê ao prestar atenção à atividade que a mãe desenvolve com a criança (Bronfenbrenner, 1996). Mas também é necessário que a mãe permita, reconheça e valorize a participação paterna para que o pai se sinta motivado a participar e envolver-se continuamente, por longos períodos de tempo, nas atividades com o bebê (Bronfenbrenner, 2011).

Uma variável importante para ser levada em consideração quando se busca compreender a vivência da paternidade é a idade com que o indivíduo se torna pai (Bonney et al. 1999). Pesquisas buscam investigar a existência de diferenças na vivência da paternidade entre pais adolescentes e adultos (Levandowski & Piccinini, 2006) e diferenças no envolvimento e participação paterna nas práticas de cuidados ao bebê nestes mesmos participantes (Levandowski & Piccinini, 2002). No que se refere especialmente à interação pai-bebê na adolescência, o interesse é decorrente da crença de que o adolescente seria emocional e cognitivamente imaturo para lidar com algumas situações e responsabilidades que o papel paterno exige. Isto não ocorreria com pais adultos. Esta imaturidade dificultaria o reconhecimento das necessidades do filho e prejudicaria sua capacidade de auxiliar nos cuidados diretos e indiretos da criança (Lamb & Elster, 1986). Entretanto, parece que a idade não é necessariamente um fator determinante da responsividade do pai em relação ao bebê. De fato, pais adolescentes podem apresentar-se tão responsivos ao bebê quanto os pais adultos. Os fatores que determinam o nível e qualidade desta responsividade são de ordem biopsicossocial (Levandowski & Piccinini, 2002; Lamb & Elster, 1986). A partir do exposto, é possível considerar que a vivência da paternidade e a qualidade da relação entre pai e bebê, bem como a disponibilidade do pai em engajar-se em atividades de cuidado, podem ser explicadas pelo modelo P-P-C-T (Bronfenbrenner, 2011) apresentado nesta sessão.

“Ser pai”, envolvimento e participação nas práticas de cuidados ao bebê no contexto da paternidade adolescente

Esta sessão destaca a necessidade do reconhecimento de fatores do contexto pessoal, familiar, social e cultural como capazes de determinar as vivências dos adolescentes. Problematisa-se a paternidade adolescente e reflete-se sobre os fatores que influenciam na participação do pai nas práticas de cuidados ao bebê. Os pressupostos da teoria bioecológica orientam as discussões.

No que se refere ao período etário que define a adolescência, é comum a referência ao critério definido pela Organização Mundial de Saúde (idade entre 10 e 19 anos) ou ao Estatuto da Criança e do Adolescente (idade entre 12 e 18 anos). Contudo, na sociedade ocidental industrializada problematisa-se o fato de que o jovem, ao completar 20 anos, não ser mais considerado um adolescente (Orlandi & Toneli, 2008). Isto porque uma compreensão historicocultural da adolescência tem ganhado espaço, guiando discussões na área (Bock, 2007).

Desta maneira, comportamentos percebidos como característicos da adolescência dependem, em grande medida, das vivências, exigências e expectativas da cultura onde eles estão inseridos, revelando a influência do macrossistema sobre seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011). Na perspectiva da teoria bioecológica, o adolescente, como qualquer pessoa, apresenta características próprias – individuais, psicológicas e biológicas - além de uma forma própria de lidar com suas experiências de vida. Para Orlandi e Tonelli (2008), esta diversidade faz com que seja incoerente pensar a adolescência e os fenômenos que acontecem durante o período como algo universal.

Neste contexto, a experiência de uma parentalidade pode assumir diferentes significados para o jovem. Isto porque esta experiência é permeada diretamente por algumas variáveis, tais como as situações de gênero, classe social e contextos socioculturais, fazendo com que cada adolescente viva a experiência de ser pai ou mãe de forma diferenciada. Realmente, é através da diversidade contextual na qual a adolescência é produzida (Bock, 2007) que a paternidade e a maternidade durante este período são significadas, aceitas e reconhecidas (Levandowski & Piccinini, 2002).

As diferenças em perceber a vivência da maternidade ou paternidade na adolescência considerando, por exemplo, sua vivência em diferentes classes sociais, bem como a maneira de perceber a adolescência atualmente como um período impróprio para a vivência destas experiências revelam características do macrossistema sobre o desenvolvimento do adolescente (Bronfenbrenner,

2011). As características do macrosistema (características culturais, crenças, comportamentos socialmente esperados, papéis e relações sociais predominantes em determinada cultura) influenciam nos demais contextos (micro, meso e exo) dos quais o adolescente faz parte, determinando suas vivências e comportamentos estabelecidos nas relações recíprocas duradouras. Assim, considerando a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano postulada por Bronfenbrenner (1996) e por Bronfenbrenner (2011), a experiência de ser pai pode ser motivadora para um desenvolvimento positivo do adolescente. Isto pode ocorrer em contextos culturais nos quais a paternidade adolescente não se configura como uma experiência necessariamente negativa (Levandowski & Piccinini 2002; Venturini, 2010) e onde a cultura promove redes de apoio familiar e social que estejam dispostas a auxiliar o pai no desempenho de suas atividades (Venturini, 2010)

Nesta perspectiva, é necessário destacar que alguns pais adolescentes são capazes de envolverem-se nas experiências da gestação de suas companheiras de forma positiva, apesar de se acreditar que a imaturidade emocional e cognitiva do pai adolescente prejudique a qualidade do envolvimento paterno (Lamb & Elster, 1986). Da mesma forma, eles podem apoiar e participar dos cuidados com o bebê após o nascimento (Levandowski & Piccinini, 2002). A criança pequena necessita de pais disponíveis que lhe apoiem, que respondam à suas demandas e que sejam continentemente com suas necessidades. Desta maneira, a paternidade não pressupõe somente entender as necessidades paternas, mas também as necessidades da criança pequena e as implicações disto no adolescente pai (Lyra, 2002). Isto mostra a influência recíproca da relação pai-bebê. Na medida em que ambos interagem, ambos se desenvolvem. As atividades que um realiza com o outro determinam comportamentos e estes, por sua vez, vão eliciar novas condutas, determinando os padrões relacionais duradouros da díade (Bronfenbrenner, 2011). Entender as implicações que o cuidar de um bebê têm para o pai, seja ele adolescente ou não, implica em reconhecer que não é só o pai que influencia no desenvolvimento infantil, mas também o bebê tem o poder de influenciar no desenvolvimento do pai (Brazelton & Cramer).

De fato, diferentes aspectos interferem na qualidade da relação do pai adolescente com seu bebê. O desenvolvimento da relação entre a díade e o vínculo construído passa por interferências contextuais na medida em que os comportamentos de envolvimento paterno e cuidados com a criança são incentivados e reforçados pelo contexto familiar, social e cultural no qual o adolescente está inserido (Manfroi, Macarini, & Vieira, 2011). A possibilidade de os pais apresentarem um

desempenho efetivo em seus papéis na educação dos filhos dentro da família depende das exigências de papéis, do estresse e o apoio recebido de outros ambientes. Como exemplo, pode-se citar a flexibilidade de horários de trabalho, a presença de amigos e vizinhos que possam ajudar em situações adversas, a rede de apoio disponível, a qualidade dos serviços de saúde, entre outros (Bronfenbrenner, 2011).

Conforme os pressupostos da teoria bioecológica, no que se refere ao contexto familiar, a existência de relações positivas e que estimulem a participação paterna nos cuidados ao bebê são importantes para que o envolvimento paterno em práticas de cuidados aconteça. A partir do momento que a mãe ou outros membros familiares incentivam a participação do pai nos cuidados ao bebê e reconhecer seu papel e empenho para engajar-se nas atividades compartilhadas, é possível que o pai, aos poucos, consiga desempenhar atividades mais complexas com a criança, dividindo responsabilidade com a mãe e fortalecendo seu vínculo com o bebê. Estas interferências revelam a força das relações recíprocas estabelecidas nos quatro sistemas contextuais (micro, meso, exo e macrosistema) sob a relação pai-bebê e seu envolvimento nas práticas de cuidados (Bronfenbrenner, 2011).

Ainda, a interação do pai adolescente com o bebê, bem como sua participação nas práticas de cuidados, pode ser influenciada por outros fatores. Estes fatores podem contemplar o nível de desenvolvimento cognitivo do adolescente, que pode dificultar o reconhecimento correto das necessidades do bebê; o desejo por ser pai naquele momento da vida, que vai interferir na maneira como este jovem irá viver sua paternidade e relacionar-se com seu filho; o nível de conhecimento do pai sobre desenvolvimento infantil e o quanto esse pai é capaz de perceber as mudanças que ocorrem com o seu bebê ao longo de seu desenvolvimento; o nível de estresse parental, a qualidade da relação conjugal e o apoio social recebido (Lamb & Elster, 1986). Estes são alguns aspectos pessoais e de relações recíprocas duradouras com outras pessoas nos diferentes contextos do qual faz parte (micro, meso, exo e macro), que se mostram capazes de diminuir (ou não) a sensibilidade do genitor e interferir na vivência da paternidade, afetando na sua participação nos cuidados ao bebê e no vínculo estabelecido entre o pai adolescente e seu filho (Bronfenbrenner, 2011).

Conclusão

A compreensão do envolvimento paterno de adolescentes a partir da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano permite destacar a importância de se conhecer os pais adolescentes, suas características pessoais, os padrões familiares existentes, projetos de vida e como se constituem suas relações sociais nos diferentes ambientes dos quais participam. Isto pode permitir a identificação de fatores de risco e de proteção para a participação paterna nas práticas de cuidados ao bebê. Esta identificação pode ser a porta de entrada para a construção de um vínculo parental positivo.

Este estudo buscou relacionar a participação paterna em práticas de cuidados ao bebê com a teoria bioecológica apenas teoricamente. Neste sentido, sugere-se estudos empíricos que busquem mostrar como os pressupostos bioecológicos podem realmente guiar o entendimento do envolvimento paterno em práticas de cuidados no contexto da paternidade adolescente. Ainda, pesquisas bioecológicas, com pesquisadores inseridos no contexto estudado e interagindo com as ações e pessoas que dela participam, podem trazer resultados interessantes para a compreensão da paternidade adolescente e relação pai-bebê. Outra sugestão é a realização de revisões sistemáticas da literatura que busquem caracterizar os estudos sobre paternidade adolescente na perspectiva bioecológica. Este tipo de revisão pode oferecer um retrato das pesquisas científicas sobre o tema e identificar as lacunas que podem ser exploradas por pesquisadores da área.

Referências

- Bock, A.M.B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. 11(1), 63-76.
- Bernardo, W.M., Nobre, M.R.C., & Janete, F.B. (2004). A prática clínica baseada em evidências. Parte II: Buscando evidências em fontes de informação. *Revista da Associação de Medicina Brasileira*. 50(1), 1-9.
- Bolli, A.C.B. (2002). *O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

- Bonney, J.F., Kelley, M.L. & Levant, R.F. (1999). A model of Father's Behavioral Involvement in Child Care in Dual-Earner Families. *Journal of Family Psychology*, 3(31), 401-415.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B.G. (2002). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, M.C.O, Lima, I.C., Júnior, D.F.M., Santos, A.S.T., Araújo, F.P.O., & Assis, D.R. (2005). Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: trajetória sócio-demográfica e atitudes com a gestação e com a criança. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 719-727.
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., & Guimarães, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, 34(6),428-431.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Pontom. (Orgs.), *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jager, M.E., & Dias, A.C.G. (2012). *A relação pai-filho: uma revisão sistemática da literatura nacional*. In III Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde. Universidade Federal de Santa Maria.
- Souto, D.C., & Jager, M.E. (2013, outubro) A construção histórica da paternidade. In 28º Jornada Acadêmica Integrada. Santa Maria.
- Lamb, M.E. & Elster, A.B. (1986). Parental behavior of adolescent mothers and fathers. In A.B. Elster & M.E. Lamb (Orgs.). *Adolescent fatherhood* (pp.89-106), Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altaman, A. Rossi, & R. L. Sherrod (Orgs.). *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). New York: Academic.
- Levandowski, D.C., & Piccinini, C.A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Levandowski, D.C., & Piccinini, C.A (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 22(1), 17-27.
- Lyra, J. (2002, outubro). *Paternidade na adolescência: percorrendo a bibliografia*. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP). Caxambu, SP.

- Macarini, S.M., Martins, G.D.F., Minetto, M.F., & Vieira, M.L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 62(1), 119-134.
- Manfroi, E.C., Macarini, S.M., & Vieira, M.L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. 21(1), 59-69.
- Orlandi, R., & Toneli, M.J.F. (2008). Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 317-326. 2008.
- Parke, R.D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Piccinini, C.A., Silva, M. da R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.C.S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 28 (3), 318-325.
- Rother, E.T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. 20(2).
- Staudt, A.C.P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*. 10 (1), p. 174-185.
- Venturini, A.P.C. (2010) Paternidade adolescente e os projetos de vida na gestação do primeiro filho. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Endereço para correspondência:

Rua Venâncio Aires, nº 641, apto 102; Bairro: centro; CEP 97010-001. Santa Maria / RS e-mail: marciajager@yahoo.com.br

ARTIGO 2

A paternidade adolescente nos primeiros seis meses de vida do bebê⁴

Paternidade adolescente

The adolescent fatherhood in the first six months of baby's life

Teen fatherhood

Márcia Elisa Jager. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda e bolsista CAPES/DS no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSM.

Ana Cristina Garcia Dias. Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo e professora do PPGP da UFSM.

Márcia Elisa Jager

Endereço: Rua Venâncio Aires, 641, apto 102, Bairro: Centro. CEP: 97010-001. Santa Maria/RS

Telefone: (55) 99823444. E-mail: marciajager@yahoo.com.br

Ana Cristina Garcia Dias

Endereço: Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Psicologia. Rua Floriano Peixoto, 1750. Bairro Centro. Santa Maria, RS. 97015-372.

Telefone: (55) 91119812. E-mail: anacristinagarciadias@gmail.com

⁴ Este artigo está apresentado conforme as normas da revista Psicologia: Ciência e Profissão, na qual será submetido após aprovação da banca e ajustes teóricos e metodológicos solicitados.

Resumo: O objetivo deste estudo é compreender como adolescentes de classes populares percebem a transição para a paternidade. Participaram do estudo três pais adolescentes de camadas populares, pais pela primeira vez de um bebê saudável. O instrumento utilizado para coleta de informações foi uma entrevista semiestruturada sobre paternidade realizada em dois momentos: logo após o nascimento e aos seis meses de vida do bebê. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo e longitudinal. Os principais resultados indicam que os adolescentes percebem a paternidade como uma experiência que trouxe amadurecimento e crescimento pessoal. Os adolescentes reconhecem suas responsabilidades de prover financeiramente a família e as responsabilidades maternas ligadas ao cuidado do bebê. Eles revelam a importância do apoio da família (pais), dos amigos e do trabalho no desempenho do papel parental e no enfrentamento das responsabilidades paternas.

Palavras-chave: paternidade; adolescência; pais adolescentes.

Abstract: The main purpose of this study is to understand how lower-class adolescents perceive the transition to parenthood. Three lower-class teenage fathers who were first time parents of a healthy baby joined this study. Data could be collected through a semistructured interview about parenthood performed in two stages: immediately after birth and six months after it. An outline of collective and longitudinal case study was used. The main results indicate that adolescents perceive parenthood as an experience which brought maturity and personal growth. Teenagers recognize their responsibilities to support the family financially and maternal responsibilities related to child care. They reveal the importance of family (parents), friends and work support for the role of parental performance and to cope with parenting responsibilities.

Keywords: parenthood, adolescence, teenage parents.

Resumen: El objetivo de este estudio es comprender como adolescentes de clases populares perciben la transición a la paternidad. Participaron del estudio tres padres adolescentes de camadas populares, padres por primera vez de un bebé saludable. En instrumento utilizado para recolección de informaciones fue una entrevista semi-estructurada sobre paternidad, realizada en dos momentos: logo después del nacimiento y a los seis meses de vida del bebé. Fue utilizado un delineamiento de estudio de caso colectivo y longitudinal. Los principales resultados indican que los adolescentes perciben la paternidad como una experiencia que les trajo madurez y crecimiento personal. Los adolescentes reconocen sus responsabilidades de proveer financieramente a la familia y las responsabilidades maternas ligadas al cuidado del bebé. Ellos revelan la importancia del apoyo de la familia (padres), de los amigos y del trabajo en el desempeño del papel parental y en el enfrentamiento de las responsabilidades paternas.

Palabras-clave: paternidad; adolescencia; padres adolescentes.

A paternidade durante a adolescência oferece transformações na identidade e (re) configurações de vínculos afetivos do adolescente que assume sua condição de pai (Gomes, 2006, Meincke, Soares, Schwartz, Zilmmer, Bueno, Monteiro, Eidam, Marques, Collet, Carraro, & Lopes, 2011). Essas mudanças são decorrentes, principalmente, da transição de papel social que o adolescente atravessa a partir do nascimento do filho (adolescente X pai). O adolescente transita entre um papel social que demanda, predominantemente, a escolarização, a diversão e o planejamento profissional (papel social do adolescente) e um papel social que demanda um amadurecimento pessoal, social e um estilo de vida responsável (papel social de pai) (Dias & Aquino, 2006; Gomes, 2006; Meincke et al, 2011).

Os papéis sociais são definidos em um contexto histórico, cultural e social (macrossistema) (Bronfenbrenner, 2002/2011). As mudanças de papéis sociais que ocorrem durante o ciclo vital são compreendidas por Bronfenbrenner (2002) como transições ecológicas. As transições ecológicas alteram a forma de agir, pensar e sentir das pessoas para que o comportamento corresponda às expectativas socialmente esperadas para determinado papel social. A possibilidade de o sujeito desempenhar satisfatoriamente um papel social irá depender das relações interpessoais, das exigências sobre o desempenho do papel presentes nos diferentes ambientes do qual faz parte e do apoio recebido de pessoas com as quais mantém relações duradouras (Bronfenbrenner, 2002).

Nesta perspectiva, compreende-se que a paternidade é atravessada pela maneira como o adolescente percebe sua transição ecológica, bem como pelo apoio recebido e pelas características e relações estabelecidas nos diferentes ambientes do qual faz parte. Estes fatores fazem com que a vivência da paternidade durante a adolescência não seja percebida como necessariamente ruim e prejudicial ao desenvolvimento do adolescente (Bueno, Meincke, Schwartz, Soares, & Corrêa, 2012; Costa, Lima, Júnior, Santos, Araújo, & Assis, 2005; Dias & Aquino, 2006; Heilborn & Cabral, 2006; Levandowski & Piccinini, 2006;

Meincke et al, 2011; Orlandi & Tonelli, 2008). Isto pode ocorrer especialmente em contextos populares, no qual a transição de um papel social a outro traz amadurecimento e responsabilidade ao jovem que se torna pai “precocemente”. Isto é porque nas trajetórias dos jovens pobres existe uma obrigação moral que faz com que eles assumam a função de provedor e se responsabilizem pela família, apesar de sua pouca idade (Heilborn & Cabral, 2006).

Conforme os pressupostos da teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2002/2011), a influência de fatores contextuais na vivência da paternidade pode deslocar a ideia de incapacidade e imaturidade do adolescente para assumir responsabilidades paternas para uma ideia de paternidade responsável. Isto é possível na medida em que os adolescentes são investidos, amparados e apoiados familiar e socialmente (Carvalho, Merighi, & Jesus, 2009). Neste sentido, o objetivo deste estudo é compreender como adolescentes de classes populares percebem a transição para a paternidade. Estes resultados podem identificar a rede de apoio disponível e as variáveis que auxiliam na transição do papel social de “adolescente” para “pai” e na vivência da paternidade durante este período do desenvolvimento humano.

Método

Participantes

Participaram do estudo três pais com até 20 anos de idade, pertencentes a estratos populares e que estavam sendo pais pela primeira vez de um bebê saudável. O critério etário utilizado para a definição do período da adolescência foi o da Organização Mundial de Saúde (10 aos 19 anos de idade) (Who, 2013). Entretanto, aceitaram-se pais que haviam completado recentemente 20 anos de idade. Isto porque o período da adolescência não pode ser definido através de um critério etário estático. Embora este critério funcione como uma importante

referência, a ideia de que o jovem, ao completar 20 anos, não seria mais um adolescente deve ser relativizada (Neri, 2001).

Os pais foram selecionados do grupo de participantes da pesquisa “Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança (Jager & Dias, 2012). Este estudo longitudinal vem acompanhando um grupo de cinco pais adolescentes e tem como objetivo compreender a vivência da paternidade e o envolvimento paterno em práticas de cuidados ao bebê pequeno em três momentos: Fase I (até 40 dias após o nascimento do bebê); Fase II (sexto mês de vida do bebê) e Fase III (um ano de vida da criança).

Instrumentos, Delineamento e Procedimentos

O estudo longitudinal construído por Jager e Dias (2012) utilizou uma ficha de triagem para identificar os critérios de inclusão dos participantes, uma ficha de dados socioeconômico e cultural para caracterizá-los e duas entrevistas semiestruturadas (paternidade e práticas de cuidados) para investigar as questões do estudo. O instrumento utilizado neste estudo foi a entrevista sobre a experiência da paternidade. Esta entrevista foi aplicada na Fase I e II e teve como objetivo investigar como os adolescentes percebem a experiência de ser pai na adolescência, dando destaque à influência das relações desenvolvidas na família, grupo de amigos e trabalho nesta vivência.

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994) de caráter longitudinal (Anstey & Hofer, 2004), dando atenção às particularidades e semelhanças entre os resultados encontrados. O processo de seleção dos participantes ocorreu através do preenchimento da ficha de triagem durante o período de Janeiro à Março de 2013 em dois hospitais públicos de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Para participar do estudo os pais deveriam, no momento do primeiro contato, ter até 20 anos de idade, ser pai (biológico) pela primeira vez de um bebê saudável, estar em um relacionamento amoroso

com a mãe do bebê, pertencer à classe econômica D ou E (renda familiar até R\$1.126,00) (Neri, 2010) e aceitar participar voluntariamente do estudo. Estes critérios de inclusão permitiram a identificação de sete pais adolescentes. A primeira entrevista (Fase I) aconteceu em local cedido pelo hospital em dia e hora apropriados ao participante. A segunda entrevista (Fase II) foi realizada com cinco pais adolescentes, uma vez que dois deles desistiram de colaborar com o estudo. Estas entrevistas ocorreram nas residências dos adolescentes. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e, após análise, apagadas na íntegra.

Dos cinco pais que participaram da Fase I e II da pesquisa, selecionaram-se três adolescentes para a realização deste estudo, conforme o seguinte critério: ter oferecido informações completas e ricas em significados (ausência de respostas lacônicas, tais como: “*bom*”; “*mais ou menos*”; “*não sei explicar*”; “*normal*”). Destaca-se que este estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal no qual está vinculado, conforme parecer 148.671.

Análise das Informações

As informações foram analisadas coletivamente, de forma qualitativa. A análise de informações, na pesquisa qualitativa, é um processo não matemático e de interpretação. O objetivo é descobrir conceitos e relações das informações brutas e de organizar esses conceitos, de forma sistemática, em um esquema explanatório teórico (Strauss & Corbin, 2008). Realizou-se também uma análise longitudinal dos casos, uma vez que se procurou identificar as semelhanças e particularidades entre os casos e a evolução na forma de pensar dos participantes em mais de um momento de coleta de dados (Anstey & Hofer, 2004). A base teórica utilizada para a discussão dos casos foi a teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2002/2011).

Resultados

Os resultados são apresentados em forma de relato longitudinal. Em um primeiro momento apresentam-se as informações oferecidas pelos adolescentes na entrevista realizada aos 40 dias após o nascimento do bebê e posteriormente as informações oferecidas na entrevista realizada aos seis meses de vida do bebê. Os nomes dos participantes e de familiares foram substituídos para manter o sigilo e confidencialidade de suas identidades.

CASO 01 – Pedro (20 anos), companheiro de Joana (18 anos). Pai de Morgana. Atualmente trabalha como açougueiro em um supermercado próximo de sua casa. Durante os primeiros seis meses de vida do bebê, o casal coabitou com a família de Pedro (pais e tios).

Período de até 40 dias após o Nascimento do Bebê: Pedro descreve que *“não planejava ser pai agora [...] essa idade era de saí, fazê coisa de jovem mesmo”*. Entretanto, ele reconhece o aumento da responsabilidade, principalmente financeira. Ele acrescenta mudanças na rotina: *“agora não dá mais pra ficar saindo, tem que cuidar dela”* e a possibilidade de (re) planejamento: *“é outra coisa, sou outra pessoa, outro foco [...] minha rotina e prioridades mudaram [...] é quase só do trabalho pra casa”*. A mãe de Pedro (pai já faleceu) é uma figura importante para o enfrentamento das mudanças decorrentes da paternidade, pois *“sempre quando eu precisei ela tava junto”*. Com a paternidade e o nascimento do bebê, a mãe serve como um apoio e referência nos cuidados à criança: *“a gente sempre apela pra ela quando a Morgana tá chorando e a gente não sabe o que fazer”*. Com a paternidade, o grupo de amigos foi substituído por pessoas adultas e maduras: *“o meu grupo de amigos de agora, é mais de casais... a gente joga bola e churrasco, se reuni assim, mais caseiro”*. O afastamento dos amigos antigos se deu *“porque a gente teve que crescer rápido entendeu, e aí eles continuam naquela vida que eu era antes, fazem festa e tal...”*. Pedro trabalha 08 horas

diárias e almoça no trabalho. Ele ainda afirma que chegar em casa depois de um mau dia de trabalho influencia no seu humor: *“fico na minha, não chego muito perto da Morgana e nem converso muito com a Joana”*. Ele ainda acrescenta que o tempo despendido no trabalho prejudica o tempo disponível para o convívio com a filha e com a companheira.

Seis Meses após o Nascimento do Bebê: Pedro ainda reconhece a experiência da paternidade como precoce, mas descreve que *“está gostando de ser pai”*. A paternidade representa a aquisição de responsabilidades, predominantemente financeiras: *“como eu disse da primeira vez, é cuidar deles, não deixar faltar nada”*. Pedro reafirma que a paternidade trouxe mudanças pessoais, familiares e sociais: *“sou outra pessoa, tenho outro estilo de vida [...] é tudo em função dela [...] a gente não sai mais como antes”*. Pedro ainda acredita que seu principal papel é o de provedor. As relações familiares de Pedro se fortaleceram nestes seis meses de vida do bebê, pois *“a mãe ta sempre perto, ajudando e orientando, a gente conversa mais, a Morgana uniu mais”*. Outras pessoas da família também ajudam a cuidar do bebê, quando necessário. O grupo de amigos de Pedro permanece os mesmos de seis meses atrás: *“a maioria tem filho também, faz um joguinho, um churrasco, as mulher vem junto, dá pra conversa, tira as dúvida, a gente fica falando das mulher da gente (risos), dos problema de casa, com os filhos... é bom”*. Sobre o trabalho, Pedro diz que é *“chefe de setor do açougue”* e *“o salário mudo bastante”*. Ele diz que isso influenciou na tranquilidade financeira da família, aumentando seu senso de segurança enquanto provedor familiar. Pedro admite que situações estressantes do dia a dia de trabalho influenciam em suas relações familiares: *“eu fico bem quieto... se alguém fala alguma coisa daí eu já me altero um pouco... eu me afasto um pouco da Morgana e da Joana”*. Ele permanece com a opinião de que o tempo dispensado no trabalho limita o tempo de convivência familiar.

CASO 02 – Fernando (19 anos), pai de Michel, militar. Fernando não coabitava com a companheira, Alana (16 anos), mas, no período de até 40 dias após o nascimento do bebê, o casal mantinha um relacionamento estável. Este relacionamento não se estendeu até os seis meses de vida do bebê. Alana e o bebê moram na casa da família de Alana.

Período de até 40 dias após o Nascimento do Bebê: Fernando destaca que “*não podia ser pai adolescente, minha criação não era pra isso*”. Ele evidencia que o foco deveria ser no “*futuro profissional e estabilidade financeira*”. Fernando demorou a reconhecer a paternidade, pois “*desconfiava dela, me traia*”. Próximo ao nascimento do bebê, através de um exame de DNA, reconheceu a paternidade e admitiu a aquisição de crescimento e amadurecimento pessoal. Ele ainda acrescenta que “*minhas prioridades mudaram, agora é tudo pensando nela, meu dia é em função dela [...] antes não era assim, não tinha responsabilidade nenhuma, tinha muito mais liberdade pra fazer o que eu queria*”. Sua principal responsabilidade é “*não deixa falta nada pra eles dois. Tanto com remédio, alimentação, tudo*”. Sua relação com Michel é “*diferente*”. Os pais de Fernando desempenham um importante papel para que ele assuma suas responsabilidades: Fernando conta que seus pais “*são rígidos nas responsabilidades assumidas, o filho é meu e vou criar como tem que ser, não deixando falta nada, desde o dinheiro até o amor*”. Fernando relata que com a paternidade “*não perdi amigos, mas também não ganhei*”. Isto porque as atividades no grupo de amigos consistiam em brincadeiras “*de gente velha*” e situações que puderam ser estendidas e compartilhadas com a experiência de ser pai: “*Enquanto uns vão pra noite, bebe e faz farra, a gente fazia isso. Juntava 10, 15 piá pra fazer pão com molho, salsicha, toma refri, essas coisa assim... mas agora não é mais tão frequente*”. Os amigos apoiaram Fernando na descoberta da gravidez e isto o surpreendeu, pois “*a gente sempre acho lambada um cara te filho antes de ta estabilizado financeiramente... mas não, eles me*

apoiaram... isso foi importante pra mim". Fernando reconhece que *"o tempo em casa é curto"* e que *"ouvi um monte de coisa no trabalho e lida com situações difíceis no quartel"* influencia no seu humor e, portanto, na relação com Alana ou com qualquer outra pessoa próxima. Entretanto, ele reconhece o trabalho como principal meio para cumprir seu papel e sente receio de não conseguir prover financeiramente sua família.

Seis Meses após o Nascimento do Bebê: Fernando não mantém mais um relacionamento amoroso com Alana. O casal procurou o recurso judicial de guarda compartilhada. Atualmente, Michel fica com o pai *"no final de semana e algumas vezes por semana"*. Fernando relata que *"não queria ser pai tão novo"*, mas que agora *"amo ele mais do que qualquer coisa [...] sou outra pessoa"*. As preocupações referentes a *"não deixa falta nada"* permanecem. Fernando não paga pensão para Michel, pois *"ela e a mãe dela conversaram e optaram que ao invés da pensão, eu dou as coisas, roupa, comida, fralda, leite..."*. Os pais de Fernando continuam auxiliando no seu desempenho paterno. Michel aproximou as relações familiares: *"eu sempre tive o apoio do meu pai e da minha mãe... sempre que ele vem com uma necessidade diferente eles me ajudavam"*. O grupo de amigos de Fernando não sofreu alterações durante os seis primeiros meses de vida de Michel: *"como não sou de sair, de festa e bebe, a gente faz coisa de gente velha mesmo, olha um filme em casa, faz uma coisa pra come"*. Fernando reconhece que a carga horária do trabalho e o estresse laboral continuam atrapalhando seu convívio com Michel: *"eu passo mais tempo lá no quartel do que em casa"*. Quando chega em casa após um dia estressante, Fernando tem *"medo de passar alguma coisa ruim pra ele... daí eu tomo um banho bem demorado, do uma caminhada e depois pego ele"*.

CASO 03 – Henrique (20 anos), eletricista, companheiro de Marília (16 anos), pai de Eduardo. Durante os primeiros seis meses após o nascimento do bebê, o casal coabitou com a família de Marília.

Período de até 40 dias após o Nascimento do Bebê: Henrique destaca que a experiência da paternidade “*não era pra ser agora, porque essa idade era de aproveitar a vida*”. Entretanto admite que ser pai trouxe responsabilidade (predominantemente financeira), amadurecimento e o fez “*virar homem de verdade [...] não fico mais zoando por ai, sem compromisso*”. As relações familiares (família de origem) de Henrique não foram boas, uma vez que sofreu violência e viveu em condições de vida insalubres. Esta história de vida fez com que ele ficasse satisfeito com a notícia da paternidade, pois poderia “*fazer com seu filho tudo diferente*”. Sua principal preocupação é não deixar faltar nada para o filho e para Marília, para que eles “*não tenham a vida que eu tive*”. A família de Henrique não representa apoio ou referência de modelo a ser seguido. Ele atribui “*muito sofrimento*” à relação com seus pais. Com o relacionamento amoroso e a gestação, houve um afastamento do grupo de amigos, pois “*a gente fico querendo coisas diferentes, antes era festa, bebida e diversão, agora não, é mais responsabilidade*”. Atualmente, Henrique considera como amigos a sua companheira, sua mãe, sua sogra e seu patrão, pois “*apóiam quando eu preciso e estão do meu lado nas dificuldades*”. Henrique trabalha 08 horas diárias como eletricista e não vai para casa ao meio dia. A carga horária de trabalho e as preocupações do ambiente de trabalho afetam a qualidade das relações familiares: “*as vezes a gente vem com a cabeça meio estressada ... as vezes a gente se estressa com as pessoa em casa, usa as palavra que não deve, mas quando eu chego eu sempre procuro não fazer isso.*” . Ele admite que o trabalho auxilia no cumprimento de suas responsabilidades financeiras. Ele se preocupa com a

estabilidade e busca melhores oportunidades para poder oferecer boas condições financeiras à sua família.

Seis Meses após o Nascimento do Bebê: Henrique relata que “o *Eduardo enche aquele vazio todo que tinha, aquele sofrimento todo que passei*” e que “*apesar de ser pai novo*” a experiência de convivência com o filho está sendo positiva. A preocupação referente ao sustento familiar permanece. O nascimento de Eduardo não aproximou as relações familiares de Henrique. Este afastamento sempre existiu e o sentimento de tristeza decorrente de relações familiares “*doentes*” fazem com que ele deseje “*uma relação de muito amor com Eduardo*”. Henrique vê a sua mãe, esporadicamente e possui contato distante com seus irmãos: “*eles estando ou não estando aqui não faz diferença, aliás, até acho melhor não tarem mesmo*”. Henrique possui um relacionamento positivo com a família de Marília, pois “*agora eles viram que a gente não é irresponsável*”. Henrique descreve que “*a família dela agora me enxerga como um pai excelente, eles me tratam com mais respeito*”. Seu grupo de amigos atual é os colegas de trabalho. Ele admite que com os amigos mais velhos, casados e com família “*dá pra gente conversa sobre filho, família, essas coisas [...] um momento pra gente busca referência*”. Henrique permanece no emprego e o chefe continua representando uma figura importante. O chefe auxilia financeiramente “*no rancho, roupa, no que precisa*” e na flexibilidade de horários quando ele precisa atender as necessidades do filho. Henrique permanece com as preocupações sobre estabilidade financeira da família e de sua função enquanto provedor, colocando seu trabalho em um lugar de destaque.

Discussão

Os resultados foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo temática. Na pesquisa qualitativa, é comum a utilização da técnica de análise de conteúdo temática

(Gil, 2007). Esta técnica é uma seqüência de atividades a serem desenvolvidas que se resumem em leitura das informações coletadas na pesquisa, categorização e interpretação das mesmas. O tema, enquanto unidade de registro é utilizado para estudar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências, etc. Nesta perspectiva, as entrevistas individuais ou de grupo, abertas ou semiestruturadas podem ser analisadas tendo o tema como base (Bardin, 2006). Os temas de análises criados para este estudo foram: Transição para a paternidade; Responsabilidades Assumidas; Relações familiares; Grupo de amigos; e Trabalho. Em todos os temas de análise, é oferecido destaque às semelhanças e particularidades encontradas entre os casos analisados.

Transição para a Paternidade

Este tema de análise discute como os adolescentes percebem a experiência de ser pai durante a adolescência. Problematiza-se a transição do papel social de “adolescente” para “pai”.

Semelhanças

Durante o período investigado, os adolescentes percebem a paternidade como uma experiência imprópria para a idade, uma vez que a adolescência é um período no qual se deve “fazer coisa de gente jovem”, “pensar no futuro profissional” e “aproveitar a vida”. Resultados semelhantes são comuns em estudos com pais adolescentes (ambos os sexos) (Allen & Doherty, 1996; Carvalho, Merighi, & Jesus, 2009; Gomes, 2006; Hoga & Reberte, 2009; Venturini, 2010). Esta maneira de perceber a adolescência como um período socialmente adequado para a diversão, desenvolvimento pessoal e profissional (Carvalho, Merighi, & Jesus, 2009; Heilborn & Cabral, 2006) é alicerçado em valores do macrosistema transmitidos através de crenças e comportamentos transgeracionais desenvolvidos pelos

diferentes contextos nos quais o indivíduo está inserido, tais como: família, escola, igreja, trabalho e órgãos do governo (Bronfenbrenner, 2011). Estes valores podem indicar que ocorrência da gestação e a vivência da parentalidade são impróprias para a adolescência, uma vez que a responsabilidade adquirida podem dificultar a realização de outras atividades consideradas socialmente como “próprias da idade” (Heilborn & Cabral, 2006). Isto pode justificar a crença sobre a vivência da paternidade durante a adolescência apresentada pelos participantes deste estudo.

Entretanto, os participantes atribuem significados positivos à paternidade, tais como o aumento de responsabilidade e indicam algumas mudanças sociais (alteração na rotina / perda da liberdade) que representam amadurecimento e crescimento pessoal. Estes ganhos compensam a perda de liberdade e alterações na rotina. Resultados semelhantes podem ser encontrados em pesquisas realizadas com pais adolescentes, especialmente os de classes populares (Allen & Doherty, 1996; Carvalho, Merighi, & Jesus, 2009; Costa et al., 2005; Eidam; Marques; Collet; Carraro & Lopes, 2011; Heilborn & Cabral, 2006; Hoga & Reberte, 2009; Meincke et al. 2011; Orlandi & Toneli, 2008; Venturini, 2010).

O nascimento do filho representa para os adolescentes participantes desta pesquisa uma transição ecológica (mudança de papel social – adolescente X pai). A colocação de uma pessoa em um papel social tende a evocar comportamentos, pensamentos, sentimentos, percepções, atividades e padrões de relação interpessoal consistentes com as expectativas associadas àquele papel definidas em nível de macrossistema (Bronfenbrenner, 2002/2011). Socialmente e historicamente, ser pai implica em ser responsável e maduro, uma vez que o nascimento da criança e formação de família representa uma inserção no mundo adulto e uma readaptação de projetos e estilo de vida (Dias & Aquino, 2006; Gomes, 2006; Heilborn & Cabral, 2006). Estes aspectos puderam ser observados também no discurso dos adolescentes deste estudo, evidenciando que eles parecem estar conseguindo transitar entre os dois papéis

sociais vividos (adolescente e pai), percebendo a paternidade de forma responsável e buscando adequar-se ao que é esperado deles.

Particularidades

Um dos adolescentes (Caso 03) percebe a paternidade como uma oportunidade para (re) significar sua vida e relações afetivas. As relações familiares (família de origem) anteriores deste adolescente são caracterizadas por vínculos afetivos frágeis e vulneráveis e isto o motiva a “*fazer diferente*”. A maneira de perceber o filho como uma possibilidade de preencher um vazio e (re) significar experiências anteriores é comum em situações de vulnerabilidades familiares (Brazelton & Cramer, 2002; Gomes, 2006; Lamb, 1997). No contexto de relações familiares conflituosas, o adolescente pode se encontrar sem marcos referenciais e passa a idealizar a construção de sua própria família, mais equilibrada (Gomes, 2006), como pode ser observado neste caso particular.

As experiências familiares (vínculos interpessoais construídos em nível de microssistema) anteriores retratam influências do cronossistema (aspectos transgeracionais) no comportamento e crenças atuais do sujeito. Estas influências podem ser negativas ou positivas e estão relacionadas à maneira como o sujeito viveu estas experiências familiares e quais as consequências que elas geraram. Eventos e experiências anteriores comumente servem de estímulos para mudanças no comportamento/desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011; Bronfenbrenner & Morris, 1998). No caso deste adolescente, as experiências pessoais e familiares negativas o motivam para proporcionar um ambiente familiar melhor para seu filho. Isto pode ser observado também em mães adolescentes (Santos, & De Carvalho, 2006; Santos & Nogueira, 2009; Kehl, 2001). De fato, a possibilidade de livrar-se das frustrações e desamparos do passado por meio da criação de um

relacionamento novo é um dos maiores incentivos para se ter e criar um filho (Brazelton & Cramer, 2002).

Responsabilidades Assumidas

Este tema de análise discute a opinião dos adolescentes sobre as responsabilidades assumidas com a paternidade. Discute-se o lugar de questões culturais e de gênero sobre a divisão das responsabilidades parentais.

Semelhanças

As principais responsabilidades assumidas (homem - papel de provedor e mulher – cuidado dos filhos) descritas pelos participantes estão ligadas ao papel social do homem e da mulher. Os adolescentes demonstram preocupações relacionadas ao desenvolvimento e futuro do filho, mas o cuidado e educação é responsabilidade predominantemente feminina. A preocupação financeira é frequentemente citada pelos pais em estudos sobre a experiência da paternidade (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007; Freitas, Silva, Coelho, Guedes, Lucena, & Costa, 2009 Gabriel & Dias, 2011).

As responsabilidades parentais (pai X mãe) são definidas pelos papéis sociais de homem e mulher (Heilborn & Cabral, 2006; Parke, 1996), determinados em um nível de macrossistema (Bronfenbrenner, 2002/2011). No que se refere especialmente aos homens, a tendência histórica que coloca o pai como principal fonte de sustento da casa e da família explica seu papel social ligado à função de provedor (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007; Freitas et al, 2009; Lamb, 1997). O macrossistema (estereótipos culturais e sociais) influencia a maneira pela qual uma pessoa se comporta numa determinada situação, as atividades nas quais ela se engaja e as relações que estabelecem com pessoas presentes no ambiente (Bronfenbrenner, 2002). Neste sentido, apesar dos papéis familiares sofrerem alterações nas

responsabilidades parentais e os pais apresentarem maior participação no cuidado dos filhos, ainda é esperado que o homem (adolescente ou não) assuma responsabilidades financeiras e a mulher as responsabilidades pela educação e cuidado dos filhos (Dias & Aquino, 2006, Freitas et al, 2009; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004).

Através da função de provedor, os adolescentes deste estudo preocupam-se em oferecer condições favoráveis ao desenvolvimento do bebê, indicando um reconhecimento de suas responsabilidades paternas, ainda ligadas a uma noção predominantemente tradicional da paternidade (Ramires, 1997). No discurso dos adolescentes não foram detectadas particularidades sobre as responsabilidades assumidas.

Relações Familiares

Este tema de análise discute a opinião dos adolescentes sobre como algumas relações desenvolvidas na família influenciam na vivência da paternidade e na experiência de cuidado ao bebê. É problematizado o impacto de questões gêneros sobre o cuidado do bebê e como estas relações são perpetuadas no ambiente familiar.

Semelhanças

Os pais de dois adolescentes (Caso 01 e 02) representam apoio e modelo para o desempenho do papel paterno (cuidado ao bebê e responsabilidades financeiras). É comum que a família do adolescente represente uma importante rede de apoio para o exercício da paternidade (Carvalho, Merighi, & Jesus, 2009; Lamb & Elster, 1986). O apoio oferecido pode ser de origem psicológica/emocional (modelos, conselhos, ajuda nos cuidados) e instrumental/financeira (auxílio no cuidado e sustento da criança) (Bueno et al, 2012; Dias & Aquino, 2006; Heilborn & Cabral, 2006; Nogueira, Martins, Schall, & Modena, 2011). A percepção da família como rede de apoio é resultado das relações que o adolescente

estabelece dentro do microsistema (Bueno et al, 2012). Neste sentido, quanto mais positivas as relações familiares, maiores são as possibilidades de o sujeito perceber a família como um apoio para os momentos de dificuldades (Bronfenbrenner, 2011).

Nos cuidados com o bebê, a principal figura que serve como referência é a mulher (mãe do adolescente ou do bebê). Cuidar de um filho continua sendo uma questão feminina, permanecendo uma naturalização da maternidade e um estranhamento da paternidade, principalmente quando se trata de questões referentes a cuidado e educação (Dias & Aquino, 2006; Freitas et al 2009). Neste sentido, a mãe serve como modelo e importante referência aos jovens na transmissão de conhecimentos uma vez que, social e historicamente, é da mulher a habilidade de cuidado (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007; Carvalho, Mereghi, & Jesus, 2009; Levandowski & Piccinini, 2006; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004). O modelo materno (ou de outro cuidador) é importante na medida em que o desempenho de um sujeito em determinada tarefa e/ou comportamento é reforçado se outra pessoa oferecer um exemplo de conduta e direcionamentos sobre a prática (Bronfenbrenner, 2011). Neste sentido, a mãe aparece como figura importante que molda e oferece referência para o adolescente se constituir enquanto pai e assumir responsabilidades frente a prática de cuidado ao bebê.

Particularidades

Um dos adolescentes (Caso 03) não percebe a família de origem como um apoio para a vivência da paternidade, uma vez que atribui sofrimento e vínculos afetivos fragilizados às suas experiências familiares anteriores. Suas relações familiares atuais se concentram em pessoas que fazem parte da família da companheira e o apoio é oferecido, principalmente, por amigos e colegas de trabalho. É comum encontrarmos estudos que citem a família de origem do adolescente como importante rede de apoio psicológico e financeiro (Bueno et al, 2012;

Dias & Aquino, 2006). Neste caso, isto não pode ser observado e o apoio para enfrentar a transição da paternidade é construído a partir das relações estabelecidas em outros ambientes do qual o adolescente faz parte (trabalho e grupo de amigos). Isto indica características do mesossistema sobre a vivência da paternidade, uma vez que a ligação entre diferentes ambientes nos quais o indivíduo constrói relações duradouras amplia a rede social do indivíduo, proporcionando a aquisição de referências para modelo de comportamentos e apoio (Bronfenbrenner, 2011).

As relações deste adolescente com os familiares da companheira foram intensificadas na medida em que o casal demonstrou capacidade para cuidar da criança. As opiniões dos familiares da companheira estavam alicerçadas na crença da irresponsabilidade e incapacidade de um casal adolescente cuidar de um bebê. Estas crenças familiares revelam influências do macrosistema (Bronfenbrenner, 2002/2011) sobre a maneira de perceber a maternidade/paternidade durante a adolescência, já discutidas no primeiro eixo temático deste estudo.

É comum a crença social de que pais adolescentes teriam o exercício da maternidade/paternidade prejudicada por limitações características do período de maturação biopsicossocial do adolescente e pela falta de apoio social recebido para exercer a função de pai. Entretanto, em situações de amparo familiar e social, os adolescentes são capazes de enfrentar as adversidades, participar nos cuidados e proporcionar uma interação responsiva ao bebê (Henn, 2011; Radtke, 2005). Neste sentido, este adolescente pode ser capaz de envolver-se satisfatoriamente com seu bebê na medida em que possui uma rede social mais ampla que funciona como apoio e referência na formação de sua identidade paterna e enfrentamento de dificuldades.

Grupo de Amigos

Este tema de análise trata sobre como os adolescentes percebem a (re) construção do grupo de amigos durante a transição para a paternidade. Discutem-se as características de atividades de lazer realizadas e como as relações estabelecidas no grupo de amigos influenciam na vivência da paternidade.

Semelhanças

Os adolescentes revelam que o grupo de amigos após a paternidade foi constituído por pessoas mais velhas e que realizam atividades “*mais caseiras, calmas*”. Este grupo representa suporte e apoio aos adolescentes. Resultados semelhantes são encontrados em outros estudos com pais adolescentes que revelam afastamento do grupo de amigos antigo e mudanças nas atividades desenvolvidas (Bueno et al, 2012; Hoga & Reberte, 2009; Levandowski & Piccinini, 2006; Venturini, 2010).

A inserção em um novo grupo de amigos representa uma oportunidade de o adolescente ter contato com pessoas que desempenham diferentes papéis e oportunidade de ampliar sua rede social (mesossistema). O potencial desenvolvimental dos ambientes em um mesossistema é aumentado se as exigências de papel nos diferentes ambientes (novo grupo de amigos) são compatíveis (amigos que também são pais). Nesta perspectiva, os papéis, atividades e díades em que a pessoa se envolve nestes ambientes encorajam o desenvolvimento da confiança mútua, de uma orientação positiva e de um consenso de objetivos (Bronfenbrenner, 2002).

No que se refere às mudanças de atividades (“*mais caseiras, calmas*”), destaca-se o valor positivo da inserção de pessoas mais velhas no grupo de amigos do adolescente: a relação com amigos pertencentes a contextos diferentes entre si oferecem uma gama maior de atividades, papéis e relações dos quais o adolescente pode apropriar-se, aumentando seu repertório de habilidades, uma vez que os pares podem modelar comportamentos

(Bronfenbrenner, 2011). Neste sentido, os adolescentes deste estudo apresentam a consciência de que os aspectos da vida social não se mantêm como era antes do filho nascer e que, uma vez pai, o homem deve abdicar de algumas de suas atividades cotidianas para uma vivência mais responsável e madura em família. Este tipo de reconhecimento também ocorre em pais adultos (Gabriel & Dias, 2011). Não foram encontradas particularidades neste eixo temático.

Trabalho

Este tema de análise discute sobre o impacto da carga horária de trabalho e das relações desenvolvidas neste ambiente na vivência da paternidade (disponibilidade para o bebê e para a família). Problematiza-se sobre o lugar central que o adolescente oferece ao seu trabalho e sua intensificação na transição para a paternidade.

Semelhanças

Os adolescentes percebem que a carga horária de trabalho limita o tempo de convívio familiar e que situações que geram estresse/tensão influenciam no humor, afetando suas relações interpessoais familiares. Um estudo de revisão sistemática da literatura desenvolvido por Jager e Dias (2012) aponta que são comuns estudos utilizarem o trabalho e o tempo disponível para a relação com a criança como importantes variáveis a serem investigadas na temática da relação pai-bebê (Jager & Dias, 2012).

O local de trabalho e as relações estabelecidas constituem outro importante microssistema para o adolescente. Na medida em que as relações desenvolvidas neste microssistema afetam as relações desenvolvidas no microssistema familiar, o local de trabalho assume uma função de mesossistema, influenciando consideravelmente o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2002/2011). As condições de trabalho

apareceram como fortes elementos capazes de influenciar a vivência da paternidade, uma vez que interferem na disponibilidade e tempo para o convívio familiar. Assim, algumas condições de trabalho afetam a capacidade dos pais em funcionarem no seu papel parental (Bronfenbrenner, 2002/2011).

Entretanto este ambiente pode minimizar os impactos das condições de trabalho no ambiente familiar quando oferece flexibilidade e relações positivas (apoio e confiança mútua), (Bronfenbrenner, 2002/2011). Isto pode observado no caso 03 descrito neste estudo, no qual o ambiente de trabalho representa importante rede de apoio no enfrentamento de dificuldades.

Embora o trabalho limite o tempo de convívio e influencie nas relações familiares dos adolescentes, ele oferece condições financeiras que aumenta a segurança no desempenho do papel familiar: pai-provedor. Principalmente para os homens, o trabalho representa um caminho para a realização pessoal e para o cumprimento de responsabilidades masculinas definidas em nível macrossistêmico (cultura, adoção de práticas e políticas públicas que favoreçam a vida familiar) (Bronfenbrenner, 2002/2011). As responsabilidades masculinas predominantemente financeiras, cumpridas por intermédio do trabalho, também aparecem em estudos com pais adultos (Freitas et al, 2009; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004) e adolescentes (Cabral, 2002; Paula, Bittar, Silva, & Camo, 2010; Hoga & Reberte, 2009).

Em classes populares, o trabalho e, conseqüentemente, o sustento familiar é uma maneira de obter uma identidade social legítima e ser reconhecido socialmente como adulto e responsável (Cabral, 2002). Estes aspectos puderam ser observados neste estudo, evidenciando que os adolescentes assumem uma postura responsável frente à paternidade e à sua responsabilidade de provedor. Isto mostra que os pais adolescentes enfrentam desafios

semelhantes às de pais adultos (Levandowski & Piccinini, 2006). Não foram encontradas particularidades neste eixo temático.

Considerações Finais

A análise longitudinal dos casos permitiu identificar diferenças na maneira de perceber a paternidade logo após o nascimento do bebê e aos seis meses de vida da criança. Com o passar dos meses, embora os adolescentes ainda percebam a vivência da paternidade durante a adolescência como imprópria para a idade, eles revelam que o aumento de responsabilidade e alterações na rotina familiar e social representa amadurecimento e crescimento pessoal. Aos seis meses, os adolescentes já reconhecem mais facilmente suas responsabilidades de prover financeiramente a família e as responsabilidades maternas ligadas ao cuidado do bebê. Eles revelam a importância do apoio da família (pais), dos amigos e do trabalho na vivência da paternidade (desempenho do papel parental) e no enfrentamento das responsabilidades paternas. Nos dois períodos investigados, também foi forte a noção de responsabilidade paterna direcionada para a manutenção econômica da família e a responsabilidade materna direcionada para a função de cuidado. Isto reflete uma posição ainda tradicional das funções parentais.

Estes resultados evidenciam a importância do reconhecimento do nível e qualidade do apoio recebido, das características contextuais e dos padrões de relações estabelecidas em diferentes ambientes do qual o adolescente faz parte. Este reconhecimento direciona focos de ações que podem oferecer maior segurança aos adolescentes no desempenho do papel parental, aumentando as possibilidades de o adolescente construir sua identidade paterna e fortalecer seus vínculos afetivos na nova família que se forma.

Entre as limitações, destacam-se: o reduzido número de participantes que não permite a projeção dos resultados e comparação entre grupos de adolescentes com características

contextuais distintas; a entrevista semiestruturada pode não ser suficientemente sensível para captar as reais opiniões e pensamentos dos adolescentes sobre a experiência da paternidade, uma vez que este instrumento é influenciado pela desejabilidade social e não permite a associação livre sobre a experiência. Entretanto, destaca-se que a utilização de um roteiro semiestruturado pode ser útil na medida em que atende o propósito de investigação de objetivos específicos do estudo.

Sugerem-se estudos comparativos entre pais adolescentes e adultos, que coabitam ou não com a mãe do bebê, com diferentes níveis de escolaridade, classes sociais e contextos culturais. Isto torna possível uma comparação entre grupos e uma melhor identificação de como variáveis contextuais interferem na vivência da paternidade durante a adolescência.

Referências

- Allen, W. D. & Doherty, W. J. (1996). The responsibilities of fatherhood as perceived by African American teenage fathers. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 77(3), 142-155.
- Anstey, K.J.; & Hofer, S.M. (2004). Longitudinal designs, methods and analysis in psychiatric research. *Australian in New Zealand Journal of Psychiatry*. 38 (3), 93-104.
- Bardin, L. (2006). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bornholdt, E.A., Wagner, A., & Staudt, A.C.P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.
- Brazelton, T.B., & Cramer, B.G. (2002). *As primeiras relações*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Trad: Carvalho-Barreto. Ver. Técnica: Koller, S.H. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental processes. In: W. Damon., & R.M. Lerner (Orgs.). *Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development*. New York: John Wiley, 993-1028.
- Bueno, M.E.N., Meincke, S.M.K., Schwartz, E., Soares, M.C., & Corrêa, A.C.L. (2012). Paternidade na adolescência: a família como rede social de apoio. *Texto e Contexto – Enfermagem*. 21(2), 313-319.
- Cabral, C.S. (2002). *Vicitudes da gravidez na adolescência entre jovens de camadas populares do Rio de Janeiro* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Medicina Social. UERJ, Rio de Janeiro
- Carvalho, G.M., Merighi, M.A.B. & Jesus, M.C.P. (2009). Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Texto Contexto Enfermagem*. 18(1), 17-24.
- Costa, M.C.O, Lima, I.C., Júnior, D.F.M., Santos, A.S.T., Araújo, F.P.O., & Assis, D.R. (2005). Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: trajetória sócio-demográfica e atitudes com a gestação e com a criança. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 719-727.
- Cordeiro, A.M., Oliveira, G.M., Rentería, J.M., & Guimarães, C.A. (2007). Revisão Sistemática: Uma Revisão Narrativa. *Comunicação Científica*, 34(6), 428, 431.
- Dias A.B, & Aquino E.M.L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 22(7), 1447-1458.

- Freitas, W.M.F., Da Silva, A.T.M.C., Coelho, E.A.C., Guedes, R.N., Lucena, K.D.T., & Costa, A.P.T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*. 43(1), 85-90.
- Gabriel M.R., & Dias, A.C.G. (2011). A experiência da paternidade: como os homens se percebem como pais? In E.R. Goetz, & E.C. Manfroi. *Ele e ela grávidos*. (p. 105-131). Curitiba: Juruá.
- Gil, A. C. (2007). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5a Ed). São Paulo: Atlas.
- Gomes, S.M.T.A. (2006). Maternidade e paternidade responsáveis na adolescência. *Adolescência e Saúde*. 3(3), 11-17.
- Heilborn, M.L., & Cabral, C.S. (2006). “*Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta*”. In A.A. Camarano. (org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?*(pp. 225-255) Rio de Janeiro: IPEA.
- Henn, C.G. (2011). *A experiência e a prática da paternidade na adolescência: Estudo longitudinal da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. (Tese de Doutorado). Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. RS, Brasil.
- Hoga, L. A. K.; Reberte, L. M. (2009). Vivências de la paternidad en la adolescencia en una comunidad brasileña de baja renta. *Revista da Escola de Enfermagem – USP*, 43(1), 110-116.
- Jager, M.E., & Dias, A.C.G.D. (2012). *Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança*. (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.
- Jager, M.E., & Dias, A.C.G. (2012). *A relação pai-filho: uma revisão sistemática da literatura nacional*. In III Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde. Universidade Federal de Santa Maria.

- Kehl, M.R. (2001). A gravidez e o vazio. In: C. Weinberg (Org.), *Geração delivery: adolecer no mundo atual*. (pp. 29-38). São Paulo: Sá.
- Lamb, M. E. & Elster, A. B. (1985). Adolescent mother-infant-father relationships. *Developmental Psychology*, 21(5), 768—773.
- Lamb, M.E. (1997). The role of the father in child development. New Work, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.
- Levandowski, D.C., & Piccinini, C.A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 22(1), 17-28.
- Meincke, S.M.K., Soares, M.C., Schwartz, E., Zilmmer, J.V., Bueno, M.E.N., Monteiro, R.F.C., Eidam, M., Marques, L.D.R., Collet, N., Carraro, T.E., & Lopes, A.C.C. (2011). Redes sociais de apoio à paternidade na adolescência: um estudo multicêntrico. *Revista de Enfermagem e Saúde*, 1(1), 33-38.
- Neri, M. C. (Coord). (2010). *A nova classe média, o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro. FVG, CPS.
- Neri, A.L. (2001). Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In A.L. Neri (Ed). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. (pp. 11-37). Editora Papirus.
- Nogueira, M.J., Martins, A.M., Schall, V.T., & Modena, C. M. (2011). Depois que você vira um pai...adolescentes diante da paternidade. *Adolescência & Saúde*. 8(1). 28-34.
- Orlandi, R., & Toneli, M.J.F. (2008). Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicologia em Estudo*, 13(2),317-326.
- Parke, R.D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Paula, E.R., Bittar, C.M., Silva, M.A.I., & Camo, M.A.T. (2010). A paternidade na adolescência e seu significado entre jovens universitários que a vivenciaram. *Revista Mineira de Ciências da Saúde*, 2, 28-42.

- Piccinini, C.A., Silva, M. da R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 17(3), 303-314.
- Radtke, F.M. (2005). *Adolescência, paternidade e cuidados: o sentido que os adolescentes pais atribuem a sua participação nos cuidados do filho*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, SC, Brasil.
- Ramires, V. R. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos.
- Santos, A., & De Carvalho, C.V. (2006). Gravidez na adolescência: um estudo exploratório. *Boletim de Psicologia*. 56(125), 135-151.
- Santos, C.A.C., & Nogueira, K.T. (2009). Gravidez na adolescência: falta de informação? *Adolescência & Saúde*. 6(1), 48-56.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In: Denzin, N.; Lincoln, Y. (coord.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, p. 236-247.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. (Trad. Rocha, L.O., e 2a Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Venturini, A.P.C. (2010). *Paternidade adolescente e os projetos de vida na gestação do primeiro filho*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- World Health Organization. *Adolescent health & development*. Recuperado em 22 de dezembro, 2013 de <<http://www.searo.who.int/en/Section13/Section1245.htm>>.

ARTIGO 3

Envolvimento em práticas de cuidados ao bebê na paternidade adolescente⁵

Involvement in the infant care practices in adolescent fatherhood

La participación en las prácticas de cuidado infantil en la paternidad adolescente

Implication dans les pratiques de puériculture dans la paternité des adolescents

Márcia Elisa Jager. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda e bolsista CAPES/DS no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSM.

Ana Cristina Garcia Dias. Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo e professora do PPGP da UFSM.

Márcia Elisa Jager

Endereço: Rua Venâncio Aires, 641, apto 102, Bairro: Centro. CEP: 97010-001. Santa Maria/RS

Telefone: (55) 99823444. E-mail: marciajager@yahoo.com.br

Ana Cristina Garcia Dias

Endereço: Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Psicologia. Rua Floriano Peixoto, 1750. Bairro Centro. Santa Maria, RS. 97015-372.

Telefone: (55) 91119812. E-mail: anacristinagarciadias@gmail.com

Dissertação de Mestrado

⁵ Este artigo está apresentado conforme as normas da revista Psicologia USP, na qual será submetido após aprovação da banca e ajustes teóricos e metodológicos solicitados.

Envolvimento em práticas de cuidados ao bebê na paternidade adolescente

Involvement in the infant care practices in adolescent fatherhood

La participación en las prácticas de cuidado infantil en la paternidad adolescente

Implication dans les pratiques de puériculture dans la paternité des adolescents

Resumo: Este estudo busca compreender o envolvimento paterno de pais adolescentes em práticas de cuidados ao bebê. Participaram do estudo três pais adolescentes de camadas populares, pais pela primeira vez de um bebê saudável. O instrumento utilizado para a coleta de informações foi uma entrevista semiestruturada sobre práticas de cuidados, realizada em dois momentos: logo após o nascimento e aos seis meses de vida do bebê. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo, de caráter longitudinal, dando atenção às particularidades e semelhanças entre os casos. Os principais resultados indicam o predomínio de fatores culturais e contextuais no envolvimento paterno com o bebê. Ainda, os resultados apontam para a influência de características do pai e do bebê no envolvimento paterno em práticas de cuidados.

Palavras-chave: Envolvimento; Paternidade; Adolescência.

Abstract: This study aims to understand father involvement in child care when parents are teenagers. Three lower-class teenage fathers who were first time parents of a healthy baby took part in this study. In order to collect information a semistructured interview about child care was carried out in two stages: soon after birth and six months after it. An outline of collective case study with a longitudinal dimension, giving attention to the particularities and similarities between the cases was used. The main results indicate a predominance of cultural and contextual factors in father involvement with the baby. The results also point out the influence of father's and baby's characteristics in father involvement in child care.

Keywords: Involvement, Parenting, Adolescence.

Resumen: Este estudio busca comprender el involucramiento paterno de padres adolescentes en prácticas de cuidados al bebé. Participaron del estudio tres padres adolescentes de camadas populares, padres por primera vez de un bebé saludable. El instrumento utilizado para la recolección de informaciones fue una entrevista semi-estructurada sobre prácticas de cuidados, realizada en dos momentos: logo después del nacimiento y a los seis meses de vida del bebé. Fue utilizado un delineamiento de estudio de caso colectivo, de carácter longitudinal, dando atención a las particularidades e similitudes entre los casos. Los principales resultados indican el predominio de factores culturales y contextuales en el involucramiento paterno con el bebé. Todavía, los resultados apuntan para la influencia de características del padre y del bebé en el involucramiento paterno en prácticas de cuidados.

Palabras-clave: Participación; Paternidad; Adolescencia.

Résumé: Cette étude vise à comprendre l'engagement du père de parents adolescents dans les pratiques de soins de bébé. Les participants ont trois adolescents de classes inférieures parents, les parents première fois d'un bébé en bonne santé. L'instrument utilisé pour recueillir de l'information était une entrevue semi-structurée sur les pratiques de soins. Un aperçu de l'étude de cas collective, une dimension longitudinale, en accordant une attention aux particularités et les similitudes entre les cas a été utilisé. Les principaux résultats indiquent une prédominance des facteurs culturels et contextuels pour la participation des parents avec le bébé. Les résultats soulignent également l'influence des caractéristiques du père et du bébé sur la participation des pères dans les pratiques de soins.

Mots-Clés: Participation; Paternité; Adolescence.

Introdução

A relação pai-filho é permanentemente construída por um conjunto de relações e práticas diárias de cuidado que caracterizam o envolvimento paterno (Silva & Piccinini, 2007). O envolvimento paterno, para Lamb, Pleck, Charnov & Levine (1987) se configura como um fenômeno atravessado pela acessibilidade (presença e disponibilidade do pai para a criança), engajamento (participação do pai em brincadeiras e cuidados) e responsabilidade (garantia de condições e recursos para o desenvolvimento saudável do filho).

A partir deste conceito de envolvimento paterno, destaca-se a dimensão engajamento (participação paterna em práticas de cuidados). O despreparo inicial para cuidar de um bebê pequeno é um sentimento comum entre pais adolescentes (Carvalho, Merighi & De Jesus, 2009; Levandowski & Piccinini, 2002) e adultos (Gabriel & Dias, 2011). Isto decorre, entre outros aspectos, do fato de que em poucas sociedades os homens cuidam de suas crianças no dia a dia. Em geral, eles continuam representando papéis fora das interações familiares (predominantemente ligado ao trabalho). O papel de cuidador (higiene e alimentação) é exercido, essencialmente, pela mãe (Goetz & Vieira, 2011). Estes papéis parentais começam a ser definidos ainda na infância, através da maneira como meninos e meninas são socializados (divisão dos papéis sexuais e questões de gênero) (Trindade, 1993).

Aliado ao impacto dos papéis parentais sobre a prática de cuidado argumenta-se que o adolescente teria dificuldades para proporcionar uma interação parental de alta qualidade em decorrência de algumas variáveis, tais como: imaturidade cognitiva; desejo pela gestação e por ser pai naquele momento da vida; nível de conhecimento sobre os estágios do desenvolvimento do bebê; características do bebê (psicológicas e comportamentais); características paternas; motivação para cuidar do bebê; habilidade/autoconfiança para o cuidado; estresse parental e qualidade do apoio social/familiar (Bronstein & Cowan, 2004; Lamb & Esler, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997)

Entretanto, outros estudos indicam que o adolescente é capaz de envolver-se satisfatoriamente com seu bebê, principalmente em contextos onde existe uma rede de apoio social e familiar que lhe auxilie no enfrentamento das dificuldades e na adaptação ao papel parental (Carvalho, Merighi & De Jesus, 2009; Dias & Aquino, 2006; Jager & Dias, 2012; Levandowski & Piccinini, 2002; Levandowski & Piccinini, 2006; Trindade & Menandro, 2002).

De fato, o comportamento humano e as relações interpessoais (tal como a relação pai-bebê) são produtos de características biopsicológicas da pessoa e das relações estabelecidas nos diferentes contextos dos quais faz parte, ao longo do tempo, conferindo particularidades à cada vivência. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano utiliza o modelo P-P-C-T (Processo – Pessoa - Contexto – Tempo) para compreender a complexidade das relações interpessoais presentes durante o desenvolvimento humano. Este modelo é dinâmico e reconhece a influência de características biológicas, psicológicas e comportamentais do indivíduo (Pessoa) sobre os processos proximais (interações recíprocas) (Processo) construídos nos diferentes contextos do qual o indivíduo faz parte (Contexto) ao longo do tempo (Tempo). Para este modelo, os processos proximais (tal como a díade pai-bebê) funcionam como motor para o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2011).

A partir desta perspectiva, o objetivo deste estudo é compreender o Processo (relação proximal, com foco nas práticas de cuidados na díade pai-bebê) desenvolvidos pela Pessoa (pai adolescente com características próprias), inserida em Contexto (quatro sistemas ecológicos – micro-, meso-, exo e macrossistema), em um determinado Tempo (experiência particular - práticas de cuidados – em dois momentos: logo após o nascimento e aos seis meses de vida do bebê). Considera-se que todos estes componentes estão inter-relacionados e influenciam-se mutuamente. A partir disso, será possível compreender o envolvimento

paterno (com foco nas práticas de cuidados) e perceber os fatores capazes de influenciar nas práticas de cuidados que o pai adolescente oferece ao seu bebê.

Método

Participantes

Participaram do estudo três pais com até 20 anos de idade, pertencentes a estratos populares, que estavam sendo pais pela primeira vez de um bebê saudável. O critério etário utilizado para a definição do período da adolescência foi o da Organização Mundial de Saúde (10 aos 19 anos de idade) (Who, 2013). Entretanto, aceitaram-se pais que haviam completado recentemente 20 anos de idade. Isto porque o período da adolescência não pode ser definido através de um critério etário estático. Embora este critério funcione como uma importante referência deve-se relativizar a ideia de que o jovem, ao completar 20 anos, não seria mais um adolescente (Orlandi & Toneli, 2008).

Os pais foram selecionados do grupo de participantes da pesquisa “Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança” (Jager & Dias, 2012). Este estudo longitudinal vem acompanhando cinco pais adolescentes e tem como objetivo compreender a vivência da paternidade e o envolvimento em práticas de cuidados ao bebê pequeno em três momentos: Fase I (até 40 dias após o nascimento do bebê); Fase II (sexto mês de vida do bebê) e Fase III (um ano de vida da criança).

Instrumentos, Delineamento e Procedimentos

O estudo longitudinal utilizou uma ficha de triagem para identificar os critérios de inclusão dos participantes. Após, o estudo utilizou uma ficha de dados socioeconômico e cultural para caracterizá-los e duas entrevistas semiestruturadas (paternidade e práticas de cuidados) para investigar as questões do estudo. O instrumento utilizado neste estudo foi a

entrevista sobre práticas de cuidados. Esta entrevista foi aplicada na Fase I e II do estudo com o objetivo de investigar como o pai adolescente envolve-se nas práticas de cuidados ao bebê, as variáveis que interferem neste envolvimento e opiniões sobre responsabilidades maternas e paternas.

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994) de caráter longitudinal (Anstey & Hofer, 2004), dando atenção às particularidades e semelhanças entre os resultados encontrados. O processo de seleção dos participantes para o estudo longitudinal ocorreu através do preenchimento da ficha de triagem durante o período de Janeiro à Março de 2013 em dois hospitais públicos de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Para participar do estudo, os pais deveriam ter até 20 anos de idade, ser pai (biológico) pela primeira vez de um bebê saudável, estar em um relacionamento amoroso com a mãe do bebê, pertencer à classe econômica D ou E (renda familiar até R\$1.126,00) (Neri, 2010) e aceitar participar voluntariamente do estudo. Estes critérios permitiram a identificação de sete adolescentes. A primeira entrevista (Fase I) aconteceu em local cedido pelo hospital em dia e hora apropriados ao participante. A segunda entrevista (Fase II) foi realizada com cinco pais, uma vez que dois deles desistiram de colaborar com o estudo. As entrevistas ocorreram na residência dos adolescentes. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente e, após análise, apagadas na íntegra.

Dos cinco pais que participaram da Fase I e II da pesquisa, selecionaram-se três adolescentes para a realização deste estudo, conforme o seguintes critério: ter oferecido informações completas e ricas em significados (ausência de respostas lacônicas, tais como: “*bom*”; “*mais ou menos*”; “*não sei explicar*”; “*normal*”). Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal no qual está vinculado, conforme parecer 148.671.

Análise das Informações

As informações foram analisadas coletivamente, de forma qualitativa. A análise de informações, na pesquisa qualitativa, é um processo não matemático e de interpretação. O objetivo é descobrir conceitos e relações das informações brutas e de organizar esses conceitos, de forma sistemática, em um esquema explanatório teórico (Strauss & Corbin, 2008). Realizou-se também uma análise longitudinal dos casos, uma vez que se procurou identificar as semelhanças e particularidades entre os casos e a evolução na forma de pensar dos participantes em mais de um momento de coleta de dados (Anstey & Hofer, 2004). A base teórica utilizada para a discussão dos casos foi a teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2002/2011).

Resultados

Os resultados são apresentados em forma de relato longitudinal. Em um primeiro momento apresentam-se as informações oferecidas pelos adolescentes na entrevista realizada aos 40 dias após o nascimento do bebê e posteriormente as informações oferecidas na entrevista realizada aos seis meses de vida do bebê. Os nomes dos participantes e de familiares foram substituídos para manter o sigilo e confidencialidade de suas identidades.

CASO 01 – Pedro (20 anos), companheiro de Joana (18 anos). Pai de Morgana. Trabalha como açougueiro em um supermercado. Durante os primeiros seis meses de vida do bebê, o casal coabitou com a família de Pedro (pais e tios).

Período de até 40 dias após o Nascimento do Bebê: A principal figura responsável pelos cuidados de Morgana é Joana, uma vez que *“a mulher que tem mais habilidade”*. Pedro conta que não sabe identificar quando a filha está chorando *“por uma coisa ou outra”*. Ele

admite que *“nessa hora quase nem pego porque não vou saber acalma do mesmo... já deixo pra Joana ou pra minha mãe”*. Pedro ainda não deu banho na filha, pois ela *“tem pescozinho molinho assim, fico meio preocupado de deixa cai”*. Ele pretende auxiliar nos cuidados do bebê quando a filha estiver *“maior, mais forte, mais firme”*. Pedro ajuda nos cuidados *“quando to em casa”*. Ele gosta de *“pega o violão e toca uma musiquinha pra ela”*. Quando faz isso, *“as vezes ela tá chorando assim e ela pára, fica mais tranqüila”*. Pedro admite que gosta de ficar com Morgana quando *“ela mostra que tá gostando do que faço pra ela”*. Pedro admite que, nos primeiros seis meses de vida de Morgana, a responsabilidade de Joana é *“dá a teta”* e sua responsabilidade é *“não deixar faltar remédio, essas coisa”*. Entretanto, descreve que precisa auxiliar nos cuidados de Morgana e argumenta que pode fazer isso *“ajudando a Joana em outras coisas, ajuda a arruma a cama, lava a louça e também não irritando ela”*.

Seis Meses após o Nascimento do Bebê: A principal figura responsável pelos cuidados de Morgana continua sendo a Joana. Sua mãe ajuda e orienta algumas vezes, pois agora *“a Joana se vira bem”*. Pedro *“faz bem pouca coisa”*, pois *“no início, quando a gente conversou, eu não ajudava muito porque ela era muito molinha, agora eu não ajudo muito porque ela é muito agitada”*. Pedro admite que *“se eu começo a fazer alguma coisa com ela, troca fralda, dá banho e ela começa a chora e eu sacudo e ela não pára, eu logo chamo a Joana ou minha mãe pra termina o que eu tava fazendo”*. Joana permite que Pedro participe dos cuidados à Morgana: *“as coisas que eu faço hoje com a Morgana, tudo eu aprendi observando elas (Joana e avó paterna de Morgana) fazer”*. Ele admite que *“se arrisca a fazer algumas coisas sozinho, mas paro quando ela chora, aí a Joana, pois ela tem mais habilidade”*. Pedro reconhece que sua prática de cuidado favorita é *“brinca, conversa, joga ela pra cima, fazer fula”*. Ele gosta de ficar com Morgana mais agora do que logo depois do nascimento pois

“*ela reage as coisas que faço com ela*”. Pedro conta que a prática do banho continua sendo um problema para ele: “*ela se agita demais, não para quieta um minuto, tenho medo de deixar se afoga...*”. Pedro reconhece que as responsabilidades de Joana são “*não deixa fica doente, não senti fome, sede, frio, essas coisa, cuida bem*”. Suas responsabilidades se referem à “*não deixa falta nada, trabalha, traze as coisa pra dentro de casa e ajuda a cuida, quando dá, de vez em quando*”. Ele acrescenta responsabilidades referentes ao afeto, atenção e compromisso com a educação do filho.

CASO 02 – Fernando (19 anos), pai de Michel, militar. Fernando não coabitava com a companheira, Alana (16 anos), mas, no período de até 40 dias após o nascimento do bebê, o casal mantinha um relacionamento estável. Este relacionamento não se estendeu até os seis meses de vida do bebê. Alana e o bebê moram na casa da família de Alana.

Período de até 40 dias após o Nascimento do Bebê: As pessoas que estão cuidando de Michel são a “*Alana, por que ela é a mãe, e a mãe dela*”. Fernando conta que sente insegurança para participar das práticas de cuidados do Michel, por “*medo de machuca, ele é muito frágil, a mulher é mais delicada*”. Ele gostaria que Michel fosse “*mais ativo, to loco pra interagi bastante com ele*”. Fernando trocou poucas vezes as fraldas ou a roupa de Michel, mas já percebeu que “*ele não gosta, ele enloca*” e o “*choro dele é bem forte*”. Fernando descreve que o choro de Michel o deixa “*tenso*” porque “*não sabe direito o que faze [...] dou pra alguém acalmar ele*”. Fernando gosta, principalmente, de brincar e pegar Michel no colo. Ele conta que quando “*ele sorri ou faz caretinhas não dá vontade de sair de perto*”. Fernando relata que suas principais dificuldades são compreender o motivo do choro do bebê e “*manusear com ele [...] ele é muito pequenininho*”. Para Fernando, as responsabilidades maternas se referem às práticas tais como a alimentação e “*essa questão de*

fralda". As responsabilidades paternas são "*banca eles dois, correr por eles o que for necessário*".

Seis Meses após o Nascimento do Bebê: O casal separou-se nos primeiros meses de vida de Michel. Por esta razão o bebê fica sobre responsabilidade de Fernando e recebe seus cuidados aos finais de semana e alguns dias da semana (estipulados judicialmente). Quando Michel está na casa de Fernando, ele busca "*faze bastante as coisa, pois é o tempo que tenho pra curti ele*". O adolescente admite maior envolvimento nas práticas de cuidados após a separação conjugal: "*agora posso ter ele só pra mim*". Fernando admite a importância da presença dos pais, pois "*não ia te ninguém pra eu copia e pra me ensina*". Ele observa os comportamentos da mãe ao cuidar de Michel e busca reproduzi-los. Fernando enfatiza que "*gosta de cuidar de Michel, ele interage com a gente, interte*". Ele admite que "*o negócio fica complicado quando ele chora*". Nestes momentos, Fernando relata que fica "*nervoso porque não sei o que ele quer*" e que, frequentemente, pede ajuda para a mãe. Fernando conta que gosta de "*brincar com ele, conversa, faze ele ri, dá atenção, dar comida, bota roupa e de dar banho, as vezes*". Ele conta que "*observar como os outros cuidam de Michel ajudou a aprender muita coisa*" e que os pais e "*até*" Alana incentivam que ele cuide de Michel. Fernando expõe que acha importante este cuidado que tem com Michel, pois "*não basta só dinheiro, tem que dá suporte, atenção*". Fernando descreve como responsabilidades maternas o "*cuidar bem dele, se dedicar inteiramente pra ele*". Como responsabilidades paternas, Fernando enfatiza seu papel de provedor e argumenta: "*mas prove tudo né, no caso da roupa até o amor que eu dou pra ele. Isso eu aprendi com meus pais*".

CASO 03 – Henrique (20 anos), eletricista, companheiro de Marília (16 anos), pai de Eduardo. Durante os primeiros seis meses após o nascimento do bebê, o casal coabitou com a família de Marília.

Período de até 40 Dias após o Nascimento do Bebê: A principal pessoa responsável pelos cuidados de Eduardo é Marília, pois *“ela é a mãe”*. Entretanto, quando está em casa, ele *“cuida, do banho, troco ele”*. Henrique prefere cuidar do bebê, pois tem experiência prévia em cuidar crianças menores (irmão e bebê recém-nascido de uma ex-namorada). A mãe de Marília auxilia também. Henrique conta que Eduardo é *“tranquilo”* e chora somente quando está com fome, sono ou alguma *“dorzinha”*. Nestes momentos, ele conta que busca acalmar o filho de diferentes maneiras. Henrique conta detalhes do processo de amamentação do filho, como intervalos de mamadas, comportamento do bebê com Marília, comenta sobre o *“leite enfraquecido”* e a necessidade de suplemento alimentar para Eduardo. Seu interesse pelo bebê é decorrente do desejo de (re) significar a relação de desamor que teve com o próprio pai: *“preciso saber como ele ta, como ele se comporta pra eu ficar perto dele e ele gostar de mim, não quero que seja como fui com meu pai”*. Henrique realiza todas as práticas de cuidado do filho, inclusive as ligadas à amamentação, já que *“quando é na mamadeira, sou eu quem dou”*. Ele enfatiza que gosta de *“brincar com ele, cuidar ele dormindo, olhar a perfeição do rostinho, das mãozinhas”*. Para Henrique, as principais responsabilidades maternas se referem à *“alimentação e sabe identifica o que ele tem”*. As principais responsabilidades paternas se referem à *“não deixar falta nada pra dentro de casa”*. Entretanto, *“os cuidados do Eduardo é de responsabilidade dos dois e quando eu to em casa, eu divido 50% com ela”*.

Seis meses após o Nascimento do Bebê: A principal figura responsável pelos cuidados de Eduardo continua sendo Marília. Henrique descreve que quando está em casa, assume igualmente os cuidados de Eduardo. Ele conta que gosta de “*olhar desenho, brincar com ele, fazer fuzarca, dançar com ele no colo, banho, fralda, roupa, tudo*”. Henrique destaca a importância da participação de ambos os pais nos cuidados com o bebê. Ele enfatiza que “*é através dos cuidados digo que eu amo ele e que ele é importante pra mim*”. Ele destaca suas experiências infantis negativas com o pai e ressalta sua motivação para “*fazer diferente*”. Henrique expõe que Eduardo “*chora bem pouco, só quando quer mamar e quando quer dormir*” e entende o choro como “*uma forma de comunicação dele com a gente*” e isso o torna “*uma criança fácil de cuidar*”. Quando o bebê chora, ele e a companheira tentam acalmá-lo. Henrique conta que “*faz de tudo com o bebê [...] a Marília permite isso e até gosta, assim ela descansa*”. Ele descreve que Eduardo “*está bem esperto [...] ele olha as coisa tudo em volta, agora é melhor de interagi*”. Henrique destaca que ele e a companheira procuram “*aprender um com o outro, cada um tem um jeito diferente de cuidar dele e a prática também ajuda*”. Para Henrique, as principais responsabilidades maternas são cuidar da casa e do filho. As principais responsabilidades paternas são “*dá apoio pra Marília e não deixar falta nada pra ele, desde a comida até o amor*”. Henrique diz ainda que como teve um filho homem, suas responsabilidades de pai aumentam: “*eu sou homem e sei o que acontece com um guri, então minha responsabilidade de ajudar ele, ensinar ele, é maior, se fosse menina, seria da Marília*”.

Discussão

Os resultados foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo temática. Na pesquisa qualitativa, é comum a utilização da técnica de análise de conteúdo temática (Gil, 2007). Esta técnica é uma seqüência de atividades a serem desenvolvidas que se

resumem em leitura das informações coletadas na pesquisa, categorização e interpretação das mesmas. O tema, enquanto unidade de registro é utilizado para estudar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências, etc. Nesta perspectiva, as entrevistas individuais ou de grupo, abertas ou semiestruturadas podem ser analisadas tendo o tema como base (Bardin, 2006). Os temas de análises criados para este estudo foram: Práticas paternas de cuidado; Características do bebê e comportamento paterno na realização de práticas de cuidados; e Responsabilidades maternas e paternas. Em cada um dos temas de análises é oferecido destaque às semelhanças e particularidades encontradas entre os casos analisados.

Práticas Paternas de Cuidado

Este tema de análise discute sobre os fatores que influenciam na participação do adolescente em práticas de cuidados ao bebê. Problematizam-se questões pessoais, familiares, sociais, culturais e de gênero ligadas a esta participação.

Semelhanças

As práticas de cuidados (banho, troca de fralda, troca de roupa, brincadeiras e alimentação) desenvolvidas pelos adolescentes estavam relacionadas à disponibilidade de tempo (horários em que estavam em casa). Em decorrência do horário de trabalho, as práticas de cuidados do bebê eram realizadas, predominantemente, pela mãe (principal figura responsável pelo cuidado do bebê) e/ou pela avó paterna do bebê. Para os adolescentes, é a mulher que possui habilidades inatas e sensibilidade para o cuidado. O comportamento paterno descrito é determinado, entre outros aspectos, por elementos macrosistêmicos que determinam a divisão tradicional dos papéis parentais e os estereótipos de gênero (Bronfenbrenner, 2002/2011).

O papel social do homem (provedor familiar) lhe confere um lugar secundário na prática de cuidados do bebê, uma vez que, em primeiro lugar, ele precisa trabalhar para prover financeiramente a família (Lamb & Elster, 1986). Como consequência da carga horária de trabalho, a interação, o cuidado e o envolvimento com a criança é afetada, uma vez que o pai não possui tempo real (horas em casa) para investimento diário em práticas de cuidados e baixa disposição física (cansaço) e emocional (stress) para o envolvimento nas atividades com o filho (Bronfenbrenner, 2011; Goetz & Vieira, 2011; Lamb, 1997). Entretanto, deve-se considerar que, atualmente, muitas mulheres estão inseridas no mercado de trabalho e se mostram disponíveis aos filhos nas “horas vagas” (mulher trabalhadora X cuidadora dos filhos). Ainda, é comum que isto ocorra sem a ajuda do parceiro. Mas esta questão não é foco deste estudo.

Os adolescentes indicam a importância de terceiras pessoas (companheira-Caso 01 e Caso 03- e mãe (avó paterna do bebê) - Caso 02) na abertura para a participação nas práticas de cuidados tais como banho, troca de fralda e troca de roupa e no acolhimento em momentos de dificuldades. Em um ambiente onde existe mais de duas pessoas, é necessário levar em consideração a influência indireta de terceiras pessoas sobre a interação entre os membros de uma díade (Bronfenbrenner, 2002). No casal unido, a companheira assume importante papel como porta de entrada para o pai envolver-se efetivamente com os cuidados diários do bebê e potencializar a formação do vínculo afetivo (Klaus & Klaus, 2001; Levandowski & Piccinini, 2002). Isto se estende ao contexto de pais adultos de crianças maiores, inclusive configurando-se como uma importante variável para o envolvimento parental (Bossardi, 2011). No casal separado, outras pessoas podem assumir este papel, tal como descrito no caso 02.

De fato, no contexto da gravidez adolescente, é comum o apoio (emocional e/ou financeiro) de familiares na vivência da parentalidade e na administração dos cuidados ao

bebê (Carvalho, Merighi & De Jesus, 2009; Dias & Aquino, 2006; Lamb & Elster, 1986). A rede de apoio pode funcionar como um fator de proteção na interação pai-bebê, uma vez que poderá diminuir o estresse do jovem, aumentar seu conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e auxiliar de forma prática na aprendizagem de cuidados (Levandowski, De Antoni, Koller, & Piccinini, 2002). Este apoio constitui-se como elemento micro sistêmico que favorece o envolvimento paterno com o bebê.

Assim, a abertura para a participação nas práticas de cuidados ao bebê e o apoio familiar recebido descrito neste estudo revelam como as relações estabelecidas no microsistema familiar são capazes de permitir o envolvimento em atividades progressivamente mais complexas em um contexto imediato. Esta abertura funciona como uma rede de apoio em situações que representam desamparo ou dificuldade (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2002/2011).

Os adolescentes admitem maior segurança (embora ainda insuficiente) em desenvolver práticas de cuidados a partir do momento em que lhes foi oferecido a possibilidade de praticar estes cuidados e interagir com a criança. A participação sistemática em práticas de cuidados ao bebê pode gerar efeitos de competência (Bronfenbrenner, 2011) no adolescente. Isto porque a interação contínua do pai com o bebê traz o reconhecimento entre a dupla e permite a sincronia da interação (Brazelton & Cramer, 2002; Levandowski & Piccinini, 2002). Os efeitos de competências podem ser observados quando a pessoa adquire e desenvolve conhecimentos e habilidades que permitem conduzir o próprio comportamento (Bronfenbrenner, 2011). De fato, se o pai tiver interesse e espaço para interagir com o bebê ele poderá ser suficientemente sensível às necessidades de seu filho (Goetz & Vieira, 2011; Lamb, 1997). Isto pode ser observado neste estudo na medida em que os adolescentes relatam maior segurança na prática de cuidados, ao longo dos seis meses de vida do bebê.

Dois adolescentes (Caso 01 e Caso 02) descrevem um comportamento observacional sobre as práticas de cuidados realizadas pela companheira e por outros cuidadores (avós paternas) nos primeiros seis meses de vida do bebê. Este comportamento auxiliou na aquisição de segurança, habilidade e iniciativa na realização de algumas práticas.

Estes adolescentes estabeleceram uma díade observacional. Este tipo de díade se estabelece quando um membro está prestando atenção continuada à atividade de outro, que, por sua vez, pelo menos reconhece o interesse demonstrado. A presença da díade observacional facilmente evolui para a díade de atividade conjunta. Este tipo de díade é aquela como que os dois participantes se percebem fazendo a coisa junto (não necessariamente ao mesmo tempo). A presença da díade de atividade conjunta gera motivação e iniciativa para um dos membros buscar completar ou realizar a atividade quando não estiverem mais juntos (Bronfenbrenner, 2002). Assim, após a segurança conquistada através da díade observacional, os adolescentes deste estudo conseguiram envolver-se gradativamente na prática de cuidados de seus bebês.

Entretanto, apesar deste envolvimento gradativo, estes adolescentes ainda sentem-se inseguros em algumas situações de cuidado, tais como banho e troca de fralda. Estes adolescentes facilmente desistem quando o bebê apresenta sinais de desconforto ou choro intenso, uma vez que não se consideram capazes para identificar as necessidades da criança e acalmá-la.

A autoconfiança do pai em sua competência para cuidar da criança e seu interesse em envolver-se com o bebê é importante variável para o envolvimento em práticas de cuidados (Lamb, 1997). Neste aspecto, os pais adolescentes podem estar em desvantagem, uma vez que seu nível de maturação cognitiva, falta de conhecimento sobre os estágios do desenvolvimento do bebê e menor quantidade de contato e experiências com crianças menores poder dificultar o reconhecimento de suas necessidades e ação prática sobre elas

(Lamb & Elster, 1986). Isto pode ser observado neste estudo, principalmente nos casos 01 e 02, no qual os adolescentes revelam que a insegurança em cuidar do bebê é decorrente, principalmente, na ausência de conhecimento e prática no cuidado à criança pequena.

Dois adolescentes (Caso 01 e Caso 02) revelam preferência por atividades de brincadeiras e lazer com o filho. Estes adolescentes, automaticamente, participam pouco das práticas de cuidados mais tradicionais, tais como banho, troca de fralda e alimentação. O predomínio da participação paterna em atividades de brincadeiras e lazer é comum em estudos sobre paternidade (Goetz & Vieira, 2011; Lamb, 1997, Jager & Dias, 2012; Souto & Jager, 2012). Inclusive, este é um comportamento parental considerado como ideal por crianças maiores (Goetz & Vieira, 2011). O comportamento paterno descrito pelos adolescentes deste estudo revela características do modelo da relação de ativação. Este modelo indica que as funções maternas e paternas se complementam, assumindo o pai funções mais ligadas às atividades de brincadeira e lazer. Estas atividades possuem um valor especial no desenvolvimento da criança, na medida em que as brincadeiras auxiliam os filhos a desenvolver habilidades e confiança em si nas situações de competição, especialmente. A aplicação deste modelo se fortifica na medida em que a criança cresce (Paquette, 2004).

De fato, o pai gasta menos tempo com seus filhos do que a mãe e tende a se empenhar mais em brincadeiras enquanto a mãe tende a focar-se mais em cuidados específicos (Lamb, 1997). Isto é resultado da cultura (conjunto de crenças, valores, recursos materiais, estilos de vida), uma vez que é ela quem determina as práticas de cuidados parentais e reflete padrões de comunicação e atividades familiares (Goetz & Vieira, 2011). Esta cultura reflete valores macrosistêmicos (Bronfenbrenner, 2011) sobre as práticas parentais. Assim, os adolescentes deste estudo revelam comportamentos paternos similares ao de pais adultos.

Particularidades

Um dos adolescentes (Caso 03) revela participação em todas as práticas de cuidados com o filho (troca de fraldas, alimentação (através da mamadeira), brincadeiras e atividades de lazer). A participação ativa nos cuidados e preocupações sobre a educação moral e afetiva dos filhos pode ser encontrada em estudos com pais adultos (Gabriel & Dias, 2011; Silva & Piccinini, 2007) e adolescentes (Dias & Aquino, 2006; Levandowski & Piccinini, 2002). Este tipo de comportamento paterno coloca o adolescente em sintonia com os novos valores familiares identificados em pesquisas atuais no qual o homem passa a ter um importante papel na vida dos filhos, assumindo participação efetiva na educação e cuidados (Staudt & Wagner, 2008).

Este adolescente admite aperfeiçoamento em práticas de cuidados na medida em que pode ir interagindo e conhecendo as características de seu bebê. O aperfeiçoamento nas práticas de cuidados é resultado de algumas variáveis, tais como: características pessoais do adolescente (experiência prévia no cuidado de crianças menores e motivação para vincular-se afetivamente com o filho), convivência com o filho (reconhecimento de suas características físicas e comportamentais) e relações/vínculos desenvolvidos durante um período de tempo (seis meses). A prática de atividades progressivamente mais complexas possibilitou efeitos cumulativos que favoreceram o desenvolvimento do indivíduo (adolescente) e a aquisição de efeitos de competências (Bronfenbrenner, 2011). De fato, o tempo de convivência com o bebê e realização sistemática de cuidados pode oferecer comportamentos seguros e habilidosos ao pai que se engaja e se interessa pela participação nas práticas de cuidados (Brazelton & Cramer, 2002; Cabrera, Tamis-Le-Monda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Levandowski & Piccinini, 2002).

Um dos adolescentes (Caso 02) teve maior envolvimento nas práticas de cuidados em razão da separação conjugal. O consenso da guarda compartilhada possibilitou que ele tivesse mais tempo de convívio com o filho, possibilitando uma aproximação afetiva e

responsabilização conjunta pela criação e educação da criança, conforme previsto na legislação da guarda compartilhada. Esta legislação prevê que tanto a mãe quanto o pai possuem responsabilidades sobre a criação e educação dos filhos. Ainda, prevê que o convívio com ambos os pais deve ocorrer de forma equitativa, reconhecendo a importância dos cuidados e responsabilidades parentais por parte dos pais (Lei nº 11.698). Assim, neste caso, a guarda compartilhada parece ter trazido benefícios ao adolescente.

Antes da separação, o adolescente enfrentava conflitos para conviver com o filho, pois não mantinha bom relacionamento com a família da companheira. Com a separação, o tempo de convívio e responsabilidades ficaram organizados de forma a oferecer ao adolescente a oportunidade de responsabilizar-se por algumas tarefas de cuidados. Isto possibilitou uma aproximação sistemática e criação de um forte vínculo afetivo com o bebê, contrariando a ideia de que pais que moram com a companheira estariam mais envolvidos com seus bebês do que pais que não apresentam esta condição. Isto é verdade em contextos onde as relações entre o casal e terceiros presentes no ambiente familiar são positivas e afetivamente duradouras (Dias & Aquino, 2006; Paula, Bittar, Silva, & Camo, 2010).

Entretanto, é importante salientar que a separação conjugal frequentemente diminui o contato do pai com a criança. Porém, a fragilização do vínculo entre a díade pode ser minimizada quando o casal possui uma relação respeitosa que oferece a possibilidade de uma participação paterna nos cuidados e na negociação sobre a divisão de tarefas e responsabilidades (Goetz & Vieira, 2011; Lewis & Dessen, 1999; Souza, 2000).

De fato, a separação do casal oferece readaptação de papéis parentais e alterações nos vínculos afetivos. A maneira como estas transformações ocorrem e os impactos para a relação com os filhos são influenciadas pelas relações entre o casal e entre terceiros pessoas que fazem parte de seu convívio direto (Bronfenbrenner, 2002).

Características do Bebê e Comportamento Paterno na Realização de Práticas de Cuidados

Este tema de análise aborda como algumas características pessoais do pai e do bebê são capazes de influenciarem-se mutuamente e determinaram a relação parental. Discute-se sobre as variáveis que interferem na responsividade paterna.

Semelhanças

Os adolescentes evidenciam a influência das características físicas (“molinha”) e comportamentais (agitação, choro e nível de responsividade do bebê ao comportamento paterno) da criança sobre a prática de cuidados. As características pessoais mais poderosas em influenciar o curso do crescimento psicológico são aquelas que movimentam os processos de interações recíprocas do sujeito com outras pessoas presentes no contexto (Bronfenbrenner, 2011; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, características físicas e comportamentais podem desencorajar a prática de algumas atividades (Bronfenbrenner, 2011) na medida em que representam risco ou insegurança ao adolescente que pretende desenvolvê-las. Isto pode ser observado neste estudo, uma vez que os pais relatam um maior envolvimento com o bebê na medida em que este responde aos estímulos e comportamentos paternos e apresenta características físicas e comportamentais que ofereçam maior segurança para a prática de cuidados.

Os três adolescentes entrevistados revelam a responsividade do bebê ao comportamento paterno como importante atributo capaz de gerar investimento nas práticas de cuidados. Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos com pais adolescentes (Bolton & Belsky, 1986; Jorgensen, 1993; Lamb & Elster, 1986). As características da pessoa (bebê) influenciam na relação da díade (pai-bebê) uma vez que possuem o poder de incentivar determinados comportamentos parentais. Neste sentido,

quanto maior o nível de responsividade do bebê, maior a probabilidade de o cuidador envolver-se em uma atividade conjunta. Entretanto, a responsividade do bebê está diretamente relacionada ao nível de investimento e responsividade do cuidador (reciprocidade) (Bronfenbrenner, 2002).

O nível de reciprocidade da díade é um importante elemento para que a relação proximal se desenvolva. Um membro da díade tende a coordenar suas atividades com a do outro. O nível de reciprocidade da díade motiva os participantes não só a preservarem, mas também a engajarem-se em padrões de interação cada vez mais complexos (Bronfenbrenner, 2002). Os sinais de reconhecimento do comportamento parental, por parte do bebê, são profundamente recompensadores. Os pais aprendem a usar as respostas do bebê como parâmetros de seu próprio comportamento (Brazelton & Cramer, 2002). Neste sentido, o nível de responsividade do bebê ao comportamento paterno e o investimento do pai em atividades com a criança determinam o envolvimento entre a díade, conforme pode ser observado neste estudo.

Particularidades

Um dos adolescentes (caso 03) descreve o bebê como uma criança “*fácil de cuidar*”. Ele demonstra habilidade e segurança para tentar descobrir o motivo do choro e encontrar estratégias para acalmar o filho. Ele comenta sua participação e envolvimento na amamentação e descreve claramente características da rotina e desenvolvimento do filho.

As características do bebê (psicológicas e/ou comportamentais) orientam o envolvimento na medida em que cria demanda para o comportamento paterno. A demanda é uma característica pessoal (do bebê) que convida ou desencoraja reações do contexto social e podem interromper ou fomentar os processos proximais. De fato, a resposta positiva do bebê ao comportamento paterno incentiva o adolescente a ficar próximos de seu bebê e investir em

práticas de cuidados. As interações mutuamente satisfatórias desenvolvem sentimentos de autoconfiança e melhoram a qualidade da interação (Lamb & Elster, 1986).

A demanda também está relacionada ao nível com que a outra pessoa se mostra disposta em investir nas atividades e o quanto se sente capaz e hábil para desenvolvê-la (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Estes aspectos se relacionam a variáveis pessoais e contextuais particulares deste adolescente (experiências prévias de cuidados e desejo de (re) significar experiências infantis / familiares) que o motivam a investir na relação com o filho.

Responsabilidades Maternas e Paternas

Este tema de análise destaca a opinião dos adolescentes sobre as diferenças nas responsabilidades maternas e paternas. Problematiza-se o impacto de valores sociais e culturais sobre a divisão das responsabilidades parentais.

Semelhanças

Os três adolescentes revelam que as principais responsabilidades maternas são: alimentação, administração de práticas de cuidados e amor incondicional ao filho. As responsabilidades paternas se ligam, essencialmente, às questões financeiras (provedor familiar). A divisão dos papéis sociais (mãe – cuidadora e pai-provedor) revela influência de elementos macrossistêmicos sobre os comportamentos parentais (Bronfenbrenner, 2002/2011). Por questões culturais, ainda persiste, em muitas famílias ocidentais, a idealização destes papéis (Bossardi, 2011; Dias & Aquino, 2006; Levandowski, De Antoni, Koller, & Piccinini, 2002; Moura & Araújo, 2004; Parke, 1996), tal como observado neste estudo.

Apesar desta idealização de responsabilidades parentais, os adolescentes mencionam opiniões sobre a responsabilidade afetiva (oferecer amor, carinho e atenção e apoio à

companheira) e a importância de estar presente durante o desenvolvimento do filho. Esta preocupação afetiva vem assumindo um importante papel na descrição paterna em estudos com pais adolescentes (Carvalho, Merighi & De Jesus, 2009; Dias & Aquino, 2006; Levandowski & Piccinini, 2002) e adultos (Gabriel & Dias, 2011; Manfroi, Macarani, & Vieira, 2011; Parke, 1996). Isto evidencia que os adolescentes deste estudo indicam um movimento de superação no que diz respeito ao seu papel restrito ao sustento familiar, embora esta responsabilidade aparece forte em seus discursos.

Particularidades

Um dos adolescentes (Caso 03) revela o impacto do sexo do bebê nas responsabilidades paternas. Ter um filho homem representa para ele uma identificação e uma maior responsabilidade na educação e compromisso com seu desenvolvimento. De fato, alguns pais adolescentes, devido a etapa do desenvolvimento da identidade sexual em que se encontram, preferem que seu bebê seja do sexo masculino. A interação com um bebê do mesmo sexo que o seu reforça as tarefas relacionadas ao processo de consolidação da identidade masculina (Teti & Lamb, 1986). Assim, é mais provável que pais adolescentes tenham maior responsividade e envolvimento com o desenvolvimento e educação de seus filhos homens (Parke, 1996). Este resultado evidencia como o sexo do bebê (características pessoais) impacta sobre a relação proximal (díade pai-bebê), uma vez que é capaz de gerar expectativas e modelar o comportamento do outro (Bronfenbrenner, 2011).

Considerações Finais

A análise longitudinal dos resultados identificou diferenças na forma de participação paterna nas práticas de cuidados ao bebê, vinculadas, principalmente, ao tempo de convivência com o bebê (experiência adquirida) e possibilidade de realização de algumas

práticas. Os resultados encontrados indicam o predomínio de fatores culturais (estereótipos de gênero/ papéis parentais), familiares (papel da companheira e mãe) e temporais (tempo de convívio com o bebê) no envolvimento paterno com o bebê. Ainda, os resultados apontam para a influência de características do pai (significado que o filho assume dentro da história pessoal, conhecimento, habilidades e motivação para envolver-se em atividades progressivamente mais complexas com seu bebê) e do bebê (características físicas e comportamentais) no envolvimento paterno em práticas de cuidados. Estes aspectos evidenciam os elementos da teoria bioecológica sobre a participação paterna nas práticas de cuidados, uma vez que reconhece a relação dinâmica e sistêmica entre as variáveis propostas no modelo P-P-C-T sobre o comportamento humano.

Ainda, é importante destacar a opinião dos pais sobre as mães serem, naturalmente, mais preparadas para o cuidado ao bebê e, portanto, mais privilegiadas nas relações de cuidado. No entanto, é necessário destacar a iniciativa destes pais adolescentes em observar e fazer tentativas de cuidados. Esta iniciativa oferece indícios de um rompimento do modelo mais tradicional da paternidade, no qual o adolescente busca se inserir em uma perspectiva mais participativa no cuidado ao bebê.

Estes resultados sugerem que a idade por si só, não é um fator determinante para o nível de envolvimento paterno em práticas de cuidados ao bebê pequeno. Ainda, pais adolescentes suficientemente investidos, amparados e apoiados familiar e socialmente podem apresentar uma sensibilidade para o cuidado ao bebê que a sociedade frequentemente desconhece. Este estudo identificou desafios e dificuldades de adolescentes que vivem a paternidade que podem ser superados através de um atendimento em saúde (perspectiva biopsicossocial) ampliado e qualificado, principalmente no contexto da saúde materno-infantil.

Este estudo apresenta algumas limitações. O número reduzido de participantes não permite a generalização dos resultados encontrados. Entretanto, acredita-se que seja elucidativa sobre a questão, uma vez que trouxe reflexões importantes sobre as variáveis capazes de interferir no envolvimento paterno em práticas de cuidados ao bebê pequeno. O instrumento neste estudo pode não ter sido suficientemente sensível para perceber as particularidades do envolvimento do pai adolescente nas práticas de cuidados ao bebê, uma vez que está suscetível à desajustabilidade social. Entretanto, a utilização de um roteiro semiestruturado possibilitou o aprofundamento em objetivos de pesquisa específicos. A inserção no meio ambiente familiar e observações sistemáticas sobre as relações estabelecidas neste microsistema poderiam contribuir para informações mais completas sobre a interação do pai adolescente com seu bebê. Da mesma forma, uma investigação sobre como o relacionamento conjugal impacta na participação paterna em práticas de cuidados pode oferecer informações relevantes sobre a temática em pauta.

Sugerem-se estudos que abordem este tema através de diferentes delineamentos de pesquisa e grupos de participantes, uma vez que a comparação entre pais adolescentes de diferentes classes populares, nível de escolaridade, condições de moradia e coabitação ou que já tenham mais de um filho podem oferecer resultados que venham a somar na compreensão deste fenômeno. Ainda, estudos que busquem comparar o discurso materno e paterno podem oferecer indicadores interessantes sobre a efetiva participação paterna em práticas de cuidados ao bebê. Outras pesquisas que podem oferecer importantes contribuições são: estudos que identifiquem os modelos de cuidadores de pais adolescente, dando destaque a variáveis transgeracionais; e estudos com pais adolescentes de filhos com algum tipo de deficiência física e mental, uma vez que este grupo de crianças demanda características particulares de envolvimento paterno.

Referências

- Anstey, K.J.; & Hofer, S.M. (2004). Longitudinal designs, methods and analysis in psychiatric research. *Australian in New Zealand Journal of Psychiatry*. 38 (3). 93-104.
- Bardin, L. (2006). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bolton, F.G., Belsky, J. (1986). The adolescent father and child maltreatment. In: A.B. Elster, M.E. Lamb. (Orgs). *Adolescent fatherhood*. (p. 123-140). Hillsdale, New Jersey. Lawrence Erlbaum.
- Brazelton, T.B., & Cramer, B.G. (2002). *As primeiras relações*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Trad: Carvalho-Barreto. Ver. Técnica: Koller, S.H. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (1 ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental processes. In: W. Damon., & R.M. Lerner (Orgs.). *Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development*. New York: John Wiley, 993-1028.
- Bornstein, P., & Cowan, C. (2004). *Fatherhood today: Men's changing role in the family*. New York: John Wiley & Sons.
- Bossardi, C.N., (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127—136.

- Carvalho, G.M., Merighi, M.A.B., De Jesus, M.C.P. (2009). Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Texto, Contexto e Enfermagem. Florianópolis, 18(1), 17-24.*
- Dias, A.B., & Aquino, E.M. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública. 22(7), 1447-1458.*
- Gabriel, M.R., & Dias, A.C.G. (2011). A experiência da paternidade: Como os homens se percebem como pais? In E.R. Goetz, & E.C. Manfroi (Orgs). *Ele e ela grávidos* (p. 105-131). Curitiba: Juruá.
- Goetz, E.R., & Vieira, M.L. (2011). *Pai real, pai ideal: o papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba: Juruá.
- Gil, A. C. (2007). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5a Ed). São Paulo: Atlas.
- Jager, M.E., & Dias, A.C.G.D. (2012). *Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança*. (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.
- Jager, M.E., & Dias, A.C.G. (2012). A relação pai-filho: uma revisão sistemática da literatura nacional. In III Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde. Universidade Federal de Santa Maria.
- Jorgensen, S.R. (1993). Adolescent pregnancy and parenting. In: R. Montmayor, R. (Ed.). *Adolescent sexuality*. (p. 103-140). London: Sage.
- Klaus, M. H., & Klaus, P. H. (2001). *Seu surpreendente recém nascido*. Porto Alegre: Artmed.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altaman, A. Rossi, & R. L. Sherrod (Eds.). *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). New York: Academic.

- Lamb, M.E. (1997). *The role of the father in child development*. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.
- Lamb, M.E., & Elster, A.B. (1986). Parental behavior of adolescent mothers and fathers. In A.B. Elster & M.E. Lamb (Orgs.). *Adolescent fatherhood*, Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Lei ° 11.698. de 13 de junho de 2008. Código Civil. Presidência da República.
- Levandiwski, D.C., De Antoni, C., Koller, S.H., & Piccinini, C.A. (2002). Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. *Interações*. 7 (13), 77-100.
- Levandowski, D.C., & Piccinini, C.A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Levandowski, D.C., & Piccinini, C.A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 22(1), 17-28.
- Levandowski, D.C., De Antoni, C., Koller, S.H., & Piccinini, C.A., (2002). Paternidade adolescente e os fatores de risco e proteção para a violência na interação pai-criança. *Interações*. 7(13). 77-100.
- Lewis, C., & Dessen, M.A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(1), 9-16.
- Manfroi, E.C., Macarini, S.M., & Vieira, M.L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. 21(1), 59-69.
- Marsiglio, W., & Cohan, M. (1997). Young fathers and child development. In M.E. Lam (Org.). *The role of the father in child development* (pp. 227-244). New York, NY, US: John Wiley & Sons.

- Moura, S.M.S.R., & Araújo, M.F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 44-55.
- Neri, M. C. (Coord). (2010). *A nova classe média, o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro. FVG, CPS.
- Orlandi, R., & Toneli, M.J.F. (2008). Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicologia em Estudo*, 13(2),317-326.
- Parke, R.D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Paula, E.R., Bittar, C.M., Silva, M.A.I., & Camo, M.A.T. (2010). A paternidade na adolescência e seu significado entre jovens universitários que a vivenciaram. *Revista Mineira de Ciências da Saúde*, 2, 28-42.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Silva, M.R., & Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Revista Estudos de Psicologia* 24(4), 561-573.
- Souto, D.C., & Jager, M.E. (2013, outubro) *A construção histórica da paternidade*. In 28º Jornada Acadêmica Integrada. Santa Maria.
- Souza, R.M. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 203-211.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincoln, Y. (coord.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, p. 236-247.
- Staudt, A.C.P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudanças. *Psicologia: Teoria e prática*, 10(1), 174-185.
- Teti, D.M., & Lamb, M.E. (1986). Sex-role learning and adolescent fatherhood. In: A.B. Elster, M.E. Lamb (Orgs). *Adolescent fatherhood* (p. 19-30). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: A questão da maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 535-546.

Trindade, Z.A.; & Menandro, M.C.S. (2002). Pais adolescentes: vivências e significações. *Estudos Psicológicos*, 7 (1), 15-23.

World Health Organization. *Adolescent health & development*. Recuperado em 22 de dezembro, 2013 de <<http://www.searo.who.int/en/Section13/Section1245.htm>>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados destes estudos indicam que a paternidade adolescente é um fenômeno particular, uma vez que é atravessada por variáveis pessoais, contextuais e sociais, conforme descrito teoricamente no estudo 1. Confirmando esta ideia, o estudo 2 mostrou, especialmente, o impacto da transição de papel social – adolescente X pai (transição ecológica) sobre o desenvolvimento dos adolescentes e como as relações interpessoais e as exigências sociais e contextuais sobre o desempenho do papel paterno influenciam na maneira do adolescente viver a experiência de ser pai. Ainda, mostrou que as relações na família, grupo de amigos e trabalho fortalecem o papel parental e auxiliam na significação da paternidade durante a adolescência.

Já o estudo 3 indicou o predomínio de fatores culturais (estereótipos de gênero/ papéis parentais), familiares (papel da companheira e mãe) e temporais (tempo de convívio com o bebê) no envolvimento paterno com o bebê. Ainda, os resultados apontaram para a influência de características do pai (significado que o filho assume dentro da história pessoal, conhecimento, habilidades e motivação para engajar-se em atividades progressivamente mais complexas com seu bebê) e do bebê (características físicas e comportamentais) no envolvimento paterno em práticas de cuidados. Estes resultados evidenciam diferentes variáveis que interferem na vivência da paternidade e na participação paterna em práticas de cuidados.

A partir dos resultados encontrados nos estudos, destaca-se a opinião de que é importante os serviços de saúde e outras instituições reconhecerem a capacidade de adolescentes desempenharem seus papéis paternos e assumirem sua parcela de responsabilidade no envolvimento familiar e construção do vínculo parental destes jovens. Os profissionais de saúde podem potencializar o envolvimento de pais adolescentes em práticas de cuidados através do investimento na participação em consultas pré-natais, cursos preparatórios e atendimentos mãe-bebê. Neste contexto, destacam-se especialmente os cursos preparatórios. Estes cursos vêm sanar uma fragilidade exposta pelos pais adolescentes deste estudo: ausência de conhecimento sobre desenvolvimento infantil e práticas de cuidados ao bebê pequeno. As instituições de saúde devem oferecer o mesmo apoio ofertado às meninas e/ou mulheres que experimentam a gestação e a maternidade. Isto é o primeiro passo para a valorização da paternidade, seja no contexto da adolescência ou adultez.

Destaca-se o benefício do estudo de caso coletivo e longitudinal, uma vez que este tipo de delineamento possibilitou conversar com os adolescentes em momentos diferentes e

perceber como alguns eventos e experiências vividas durante o período de seis meses após o nascimento do bebê influenciaram na maneira de perceber a vivência da paternidade e mudaram suas opiniões sobre esta experiência. Ainda, o fato de manter um vínculo por um período de tempo com os participantes pode ter facilitado a coleta de informações.

Entre as limitações, destacam-se: (1) número reduzido de participantes. Isto não permite que os achados deste estudo possam ser generalizados para outros grupos de pais adolescentes, oferecendo diretrizes abrangentes para intervenções. Sobre o número de participantes é importante destacar a dificuldade encontrada para a realização de entrevistas com os pais, de forma geral. Esta é uma população que, culturalmente, não está acostumada a participar de estudos sobre investigação parentais. Este tipo de pesquisa está, comumente, ligada à mãe (Bitelbron, Godinho, Jager, Souto, & Dias, 2012). Isto limita o acesso aos pais adolescentes e, por consequência, a possibilidade de estudos quantitativos que possibilitem uma generalização dos resultados para uma população mais abrangente. De fato, este é um desafio para pesquisadores da área. (2) utilização de entrevista como instrumento de coleta de dados. Este tipo de instrumento sofre influências da desejabilidade social e possui um roteiro que pode limitar e/ou direcionar o discurso do adolescente, não possibilitando que outras informações importantes possam aparecer durante a coleta das informações. Entretanto, destaca-se que a entrevista semiestruturada possibilita um direcionamento para as questões do estudo e um aprofundamento em questões objetivas delimitadas pelo pesquisador. Este direcionamento é construído com base na literatura sobre o tema.

Ainda, reconhece-se que a não utilização de informações de outros pais adolescentes participantes da pesquisa guarda-chuva podem ter enviesado os resultados do estudo, uma vez que se optou por analisar somente as respostas “com informações completas e ricas em significados”. Isto não significa que estes pais não se envolvam com seus bebês ou que não apresentam particularidades interessantes na vivência de sua paternidade. Entretanto, pelo fato destes adolescentes, durante as entrevistas realizadas, não conseguirem verbalizar de forma clara como ocorria o envolvimento paterno com seu bebê, o conjunto de informações adquiridas limitou a análise dos dados. Assim, pelo estudo constituir-se de um estudo de caso coletivo, optou-se pela análise dos casos que trouxeram informações mais relevantes e que possibilitasse um aprofundamento qualitativo sobre o tema da pesquisa.

Sugerem-se estudos que investiguem a participação paterna nas práticas de cuidados através de um conjunto de participantes que apresentem características diferenciadas das presentes neste estudo, tais como: jovens que não possuem relação estável com a companheira, que sejam pertencentes a diferentes classes socioeconômicas, que apresentem

uma faixa etária diferenciada (pais mais jovens, com idades menores de 19 anos, por exemplo). Da mesma forma, sugerem-se estudos que se utilizem de um delineamento que possibilite maior aproximação real sobre esta prática, tal como a inserção ecológica; estudos que busquem acompanhar pais adolescentes em suas rotinas diárias para observar e identificar comportamentos, rotinas e dificuldades encontradas nas práticas de cuidados e como as pessoas inseridas no contexto de cuidado incentivam e motivam, de fato, este adolescente à envolver-se na prática diária do cuidado ao bebê. Ainda, estudos que busquem comparar discursos e opiniões de adolescentes e outros familiares sobre o desempenho paterno. Isto pode contribuir para a construção de um retrato real sobre a paternidade e sobre o comportamento paterno frente ao cuidado do bebê pequeno, aumentando a possibilidade de intervenções eficazes.

De fato, não se tem resultados conclusivos sobre estes fenômenos e estes resultados só podem ser alcançados com a realização de pesquisas exaustivas sobre a temática e com abordagens teóricas-metodológicas diferenciadas. A investigação deste tema é relevante e não deve cessar-se, uma vez a parentalidade adolescente é comum em alguns estratos sociais e intervenções devem ser criadas para dar conta dos vínculos afetivos construídos nestas jovens famílias.

REFERÊNCIAS

- Anstey, K.J.; & Hofer, S.M. (2004). Longitudinal designs, methods and analysis in psychiatric research. *Australian in New Zealand Journal of Psychiatry*. 38 (3). 93-104.
- Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bitelbron, E.R., Godinho, N.Z., Jager, M.E., Souto, D.C., & Dias, A.C.G. (2012, outubro). A participação do pai em uma pesquisa sobre gravidez na adolescência. Resumo apresentado na 28ª Jornada Acadêmica Integrada da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. Resumo retirado de http://w3.ufsm.br/jai/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=9.
- Jager, M.E., & Dias, A.C.G.D. (2012). *Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança*. (Projeto de Pesquisa). Santa Maria, RS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria.
- Neri, M. C. (Coord). (2010). *A nova classe média, o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro. FVG, CPS. Recuperado de http://www.cps.fgv.br/ibrecps/ncm2010/NCM_Pesquisa_FORMATADA.pdf.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincoln, Y. (coord.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, p. 236-247.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

FICHA DE TRIAGEM

(Pesquisa: Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança, 2012/2013)

Local da triagem: _____

Data: ___/___/___ Triagem feita por: _____

Identificação da mãe

Nome: _____ Idade: _____ anos

Idade do bebê: _____ meses

Bebê possui algum tipo de problema físico ou mental? ()sim. Qual? _____ ()não

Trabalha? ()sim. Ocupação? _____ () não

Horário de trabalho: _____

Estado civil: ()casada()solteira

Mora com o companheiro: ()sim ()não

O companheiro atual é o pai do bebê? ()sim () não

Renda familiar mensal: () até R\$705,00 () de R\$705,00 à R\$1126,00

Identificação do pai

Nome: _____

Idade: _____ anos

Companheiro trabalha: ()sim. Ocupação? _____ () não

Horário de trabalho: _____

Disponibilidade de horários para entrevista: _____

Contato

Endereço completo: _____

Ponto de referência: _____

Ônibus: _____

Telefone (dois contatos): _____

APÊNDICE2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Projeto: Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Esta pesquisa objetiva compreender a relação pai-bebê, nos primeiros doze meses de vida da criança, a partir da percepção de adolescentes pais. Tal objetivo se fundamenta na preocupação de que a interação pai-filho ficaria prejudicada por limitações do período de maturação biopsicossocial do próprio pai, além da falta de apoio social para enfrentar a paternidade durante a adolescência. Entretanto, algumas pesquisas enfatizam que os adolescentes poderiam enfrentar as adversidades e proporcionar uma interação responsiva ao bebê. Pretende-se acompanhar uma amostra de 15 pais adolescentes com idades entre 13 e 19 anos no período do puerpério (até 40 dias após o nascimento do bebê), 6º mês e no 12º mês de vida do bebê.

Como vamos fazer isso?

Para participar, você realizará os seguintes procedimentos: (1) Responderá uma ficha de dados socioeconômico e cultural. (2) Responderá entrevistas sobre paternidade, cuidados e envolvimento paterno que serão gravadas e após, apagadas na íntegra e (3) responderá um questionário sobre algumas características do desenvolvimento físico e emocional do seu bebê. Esses procedimentos serão realizados com você distribuídos em diferentes encontros, um primeiro encontro – no 1º/2º mês de vida do seu bebê, um segundo encontro quando seu bebê tiver no 6º mês de vida e por último, um terceiro encontro, quando seu bebê completar um ano de vida.

Quais os riscos e custos em participar?

Os riscos em tomar parte do estudo são mínimos. Os únicos desconfortos previstos são o tempo que você irá disponibilizar para participar da pesquisa e a possibilidade de você não se sentir confortável com as entrevistas. De qualquer modo, você sempre poderá optar por não responder a questão, se assim o desejar. Da mesma forma, mesmo esta pesquisa não prevendo riscos à saúde psíquica do participante, salienta-se que se caso ele exista, a pesquisadora se responsabiliza pelo devido encaminhamento à um serviço de atendimento psicológico gratuito. Você não terá nenhum tipo de despesa por participar do estudo, bem como nada será pago por sua participação.

O que a paciente ganha com este estudo?

Não se espera que este estudo gere benefício imediato aos participantes, contudo, ele poderá trazer benefícios a longo prazo para adolescentes que venham a viver esta mesma experiência. Sua participação ajudará no desenvolvimento de novos conhecimentos, que poderão beneficiar você e outras pessoas no futuro.

Quais são os seus direitos?

Em caso de qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa você deverá receber esclarecimentos, e total apoio dos pesquisadores do projeto. Cabe ressaltar que você possui a total liberdade para retirar seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo algum. Você não será identificada (o) e será mantido o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a sua privacidade. As informações prestadas por você nesse estudo serão armazenadas por cinco anos na sala 308 do Departamento de Psicologia da UFSM, sendo destruídas após esse período.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente de pesquisa e publicações científicas a utilização das informações prestadas por mim.

Data: ____/____/2013.

Assinatura do adolescente

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador responsável

A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa na Universidade de Santa Maria é a **Prof. Dra. Ana Cristina Garcia Dias**, que poderá ser contatada pelo Tel: **(55) 3220 9231** ou e-mail: cristcris@hotmail.com. Além disso, você pode obter informações adicionais junto ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria – 7º andar – Campus Universitário – 97105-900 – Santa Maria-RS - tel.: (55) 32209362 e pelo e-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br.

APÊNDICE 3

ENTREVISTA SOBRE PATERNIDADE

(Pesquisa: Paternidade adolescente e a relação pai-bebê no primeiro ano de vida da criança, 2012/2013)

Local da entrevista: _____

Data da entrevista: ____/____/____

Nome do pai (iniciais): _____

Idade do bebê: ____ meses

FASE I – Puerpério (até 40 dias após o nascimento do bebê)

Gostaria que tu me falasses sobre como foi receber a notícia de ser pai, sobre o acompanhamento pré-natal de sua companheira e sobre o nascimento do teu bebê.

- Como foi a notícia da gravidez?
- Qual foi sua reação? E da tua companheira? E da família?
- A gestação foi planejada pelo casal?
- Você acompanhou o processo pré-natal de sua companheira? Como foi? Como você se sentiu?
- Como era a sua relação com os profissionais de saúde?
- Como tu descreves a tua participação na gestação da tua companheira?
- E no nascimento do bebê, como foi? Poderia me contar como foi. Como se sentiu?
- O que passou pela sua cabeça ao ver o bebê?
- Como foi a reação de sua companheira com o nascimento do bebê? E da tua família?

Agora gostaria de conversar com você sobre a experiência de ser pai neste momento.

- Como era a sua vida antes da paternidade? E depois?
- Quais as principais diferenças na sua rotina antes e depois da paternidade? Do que você sente mais falta?
- Como está a sua rotina neste momento?
- Quais as principais mudanças na sua rotina antes do nascimento do bebê?
- Quais as principais mudanças na sua rotina após o nascimento do bebê?
- Como foram (estão sendo) os primeiros dias com seu bebê em casa?
- Como você se sente como pai agora?
- Que tipo de preocupações você tem com seu bebê?
- Que tipo de preocupações você tem com a sua companheira?
- Quais as suas responsabilidades de pai, neste momento?
- Como você acha que sua companheira te enxerga como pai, neste momento? E os teus familiares?
- Você tem enfrentado alguma dificuldade para exercer seu papel do pai?
- Quem tem te ajudado a enfrentá-las?

Agora eu gostaria de conversar contigo sobre modelos de paternidade e a ocorrência da paternidade nesse momento da vida

- Me fale em poucas palavras quais as características de um pai.
- Você tem alguma referência de pai para seguir? Quem? Por quê?
- O que é ser um “bom” pai?
- O que é ser um “mau” pai?
- Você planejou ser pai com esta idade?
- Você acha que existe diferença em ser pai durante a adolescência e ser pai durante a fase adulta? Por quê?
- Pra você, quais são os principais ganhos e principais perdas de ser pai na fase da adolescência?
- Sua família esperava que você fosse pai com esta idade?

- Tu gostarias de acrescentar alguma coisa em tudo isso que a gente conversou?

FASE II– 6º mês de vida do bebê

Há alguns meses atrás, quando seu bebê recém tinha nascido, já conversamos algumas coisas sobre a experiência de ser pai. Agora, alguns meses depois, eu gostaria de saber como você têm se sentido como pai.

- Como foram estes primeiros seis meses com o bebê em casa?
- Como você se sente como pai agora?
- Quais as suas preocupações com seu bebê, neste momento?
- Essas preocupações são diferentes das que você tinha logo após o nascimento dele? Por quê?
- Quais as preocupações que você tem com sua companheira, neste momento?
- É diferente das que você tinha logo após o nascimento do bebê? Por quê?
- Como está sua rotina agora?
- Está diferente de sua rotina logo após o nascimento do bebê? O que mudou?
- Como foi o período de adaptação às necessidades do bebê?
- Você sente falta da sua rotina antes de ser pai? Principalmente do que?
- Quais as suas responsabilidades de pai, neste momento?
- Você percebe diferenças no seu papel de pai agora, em comparação aos primeiros meses após o nascimento do bebê?
- Como você acha que sua companheira te enxerga enquanto pai, neste momento? E os teus familiares?
- Que tipo de dificuldades você tem enfrentado para exercer seu papel de pai, neste momento?
- Quem tem te ajudado à enfrentá-las?
- É diferente ser pai quando o bebê tem um ou dois meses e quando ele tem seis meses? Por quê?

Eu vou te fazer algumas perguntas, que já conversei contigo da primeira vez, para ver se alguma coisa mudou na tua opinião

- Me fale em poucas palavras o que tu consideras que são as características de um pai.
- Você tem alguma referência de pai para seguir? Quem? Por quê?
- O que é ser um “bom” pai?
- O que é ser um “mau” pai?
- Você acha que existe diferença em ser pai durante a adolescência e ser pai durante a fase adulta? Que diferenças são essas?
- Pra você, quais são os principais ganhos de ser pai na fase da adolescência?
- Pra você, quais são as principais perdas de ser pai na fase da adolescência?
- Como a tua família está encarando a tua situação de paternidade?

- Tu gostarias de acrescentar alguma coisa em tudo isso que a gente conversou?

FASE III – 12º mês de vida do bebê

Já conversamos duas vezes sobre como está sendo ser pai neste momento da sua vida. Agora gostaria de conversar sobre as principais mudanças do ser pai no decorrer deste primeiro ano de vida do teu bebê.

- Como foi este primeiro ano de vida com seu bebê em casa?
- Como você se sente como pai agora?
- Quais são as preocupações com seu filho, neste momento?
- Estas preocupações são diferentes das que você tinha há meio ano? Por quê?
- Quais são as preocupações que você tem com a sua companheira neste momento?
- É diferente das que você tinha com ela há meio ano?
- Como está sua rotina agora?
- Está diferente de sua rotina há meio ano?

- Você percebe diferenças no seu papel de pai agora, em comparação há meio ano?
- Quais as suas responsabilidades de pai, neste momento?
- Você percebe diferenças no seu papel de pai agora, em comparação aos seis meses do bebê?
- Como você acha que sua companheira e seus familiares te enxergam enquanto pai, neste momento?
- Que tipo de dificuldades você tem enfrentado para exercer seu papel de pai, neste momento?
- Quem tem te ajudado a enfrentá-las?
- É diferente ser pai quando o bebê tem seis meses e um ano de idade? Por quê?

Eu vou te fazer algumas perguntas, que já conversei contigo das outras vezes para ver se alguma coisa mudou na tua opinião

- Me fale em poucas palavras o que tu consideras que são as características de um pai.
- Você tem alguma referência de pai para seguir? Quem? Por quê?
- O que é ser um “bom” pai?
- O que é ser um “mau” pai?
- Você acha que existe diferença em ser pai durante a adolescência e ser pai durante a fase adulta? Que diferenças são essas?
- Pra você, quais são os principais ganhos de ser pai na fase da adolescência?
- Pra você, quais são as principais perdas de ser pai na fase da adolescência?
- Como a tua família está encarando a tua situação de paternidade?

- **Tu gostarias de acrescentar alguma coisa em tudo isso que a gente conversou?**

APÊNDICE 4

ENTREVISTA SOBRE PRÁTICAS DE CUIDADO AO BEBÊ

FASE I – Puerpério (até 40 dias após o nascimento do bebê)

Gostaria de conversar com você sobre os primeiros meses do seu bebê em casa e sobre suas expectativas em relação os cuidados que você e sua companheira terão com ele durante seu primeiro ano de vida.

Os primeiros dias

- Como foram os primeiros meses de cuidados ao bebê em casa?
- Quem está cuidando dele? Alguém está ajudando? Como?
- Como está sendo a rotina do bebê?
- Como está sendo sua rotina e de sua companheira?

Expectativas de cuidados

- Que tipo de dificuldades você e sua companheira poderão encontrar para cuidar do bebê, durante o primeiro ano de vida dele?
- Como vocês pretendem superá-las?
- Você acha que um bebê é capaz de mudar a rotina dos pais?
- Você percebeu mudanças na rotina da família em decorrência dos cuidados ao bebê? Quais?
- Como você acha que será o relacionamento com sua companheira no primeiro ano de vida do bebê?
- Como você acha que é a rotina de um bebê durante o primeiro ano de vida?
- Quem será o principal responsável por cuidar do bebê?
- Na sua visão, que tipo de cuidados e necessidades um bebê precisa?
- Quem é a principal responsável por fazê-los e supri-los? Por quê?
- Quem é mais importante no primeiro ano de vida do bebê? Por quê?
- Você pretende auxiliar nos cuidados ao bebê?
- Como você pretende fazer isto?
- Você acha que sua companheira vai te incentivar a participar dos cuidados ao bebê?
- Você acha que é importante o casal dividir responsabilidades no cuidado ao bebê?
- Como vocês pretendem fazer isto?
- Você pretende se responsabilizar sozinho por algum cuidado ao bebê (banho, troca de fraldas, alimentação, etc)?
- No período do primeiro ano da criança, o que é responsabilidade da mãe?
- E do pai?
- Como você pretende manifestar sentimentos de afeto e carinho pelo seu filho, principalmente durante o primeiro ano de vida dele?
- **Tu gostarias de acrescentar alguma coisa em tudo isso que a gente conversou?**

FASE II – 6º mês de vida do bebê

Nós já conversamos há alguns meses sobre suas expectativas em relação aos cuidados do bebê. Agora gostaria de conversar contigo sobre como eles estão sendo realizados neste momento e sobre a sua relação com o bebê.

Cuidados diretos

- Como está sendo a sua rotina e da sua companheira, neste momento?
- Como está sendo a rotina do bebê?
- Os cuidados ao bebê estão influenciando na rotina familiar? Como?

- Que tipo de dificuldades você e sua companheira estão encontrando para cuidar do bebê? Alguém está ajudando? Quem?
- A partir de sua experiência de pai, que tipo de cuidados um bebê de seis meses de idade precisa?
- Quem é a pessoa principal responsável por fazê-los?
- Neste momento, o que é responsabilidade da mãe?
- E do pai?
- A sua companheira permite que você participe dos cuidados do bebê?
- Que tipo de cuidados você tem com o bebê?
- Tem alguma tarefa nos cuidados com o bebê que é de responsabilidade só sua ou que você faça sozinho, sem a ajuda de sua companheira?
- Você acha importante o pai ajudar a cuidar do bebê? Por quê?

Cuidados indiretos

- Como está a relação com a sua companheira?
- Você percebeu mudanças no seu relacionamento conjugal durante estes primeiros seis meses de vida do bebê? Quais?
- Como vocês têm enfrentado estas mudanças?
- Você ajuda sua esposa com tarefas domésticas? Quais?
- Vocês brigam muito? Como você e sua esposa resolvem os problemas?
- Como é quando vocês divergem em algum ponto sobre os cuidados do bebê?

Manifestações de afeto e carinho entre pai-bebê

- Qual é o seu sentimento em relação ao seu filho?
- Como você manifesta carinho e afeto pelo filho?
- Você acha importante o pai demonstrar amor pelo seu filho? Por quê?
- Como você descreve a relação com seu filho, neste momento?
- **Tu gostarias de acrescentar alguma coisa em tudo isso que a gente conversou?**

FASE III – 12º mês de vida do bebê

Nós já conversamos algumas coisas sobre os cuidados ao bebê e sobre sua relação com ele quando o bebê tinha seis meses de idade. Agora gostaria de saber quais as principais mudanças ocorridas neste sentido e suas expectativas daqui pra frente.

Cuidados diretos

- Como está sendo a sua rotina e da sua companheira, neste momento?
- Está diferente de quando o bebê tinha seis meses de idade?
- Como está sendo a rotina do bebê?
- Está diferente da rotina quando ele tinha seis meses de idade?
- Os cuidados ao bebê estão influenciando na rotina familiar? Como?
- Estão influenciando menos ou mais do que quando ele tinha seis meses de idade?
- Que tipo de dificuldades você e sua companheira estão encontrando para cuidar do bebê? Alguém está ajudando? Quem?
- Estas dificuldades são similares de quando ele tinha seis meses? O que mudou?
- A partir de sua experiência de pai, que tipo de cuidados um bebê com um ano de idade precisa?
- São diferentes dos cuidados oferecidos para um bebê de seis meses? Em que sentido?
- Quem é a pessoa principal responsável por fazê-los?
- Neste momento, o que é responsabilidade da mãe?
- E do pai?
- A sua companheira permite que você participe dos cuidados do bebê?
- Como você avalia a sua participação nos cuidados ao seu bebê quando ele tinha seis meses e agora, com um ano de idade?

- Que tipo de cuidados você tem com o bebê?
- Tem algum cuidado que você realizava antes com seu bebê e que agora não faz mais?
- Tem algum cuidado que você não fazia antes e agora faz?
- Tem alguma tarefa nos cuidados com o bebê que é de responsabilidade só sua ou que você faça sozinho, sem a ajuda de sua companheira?
- Você acha importante o pai ajudar a cuidar do bebê? Por quê?
- Em que momento você acha que a participação do pai nos cuidados do filho é mais importante: logo após o nascimento, aos seis meses de idade, aos dozes meses de idade ou quando a criança já é maior? Por quê?

Cuidados indiretos

- Como está a relação com a sua companheira?
- Você percebeu mudanças no seu relacionamento conjugal ao longo deste primeiro ano de vida do bebê? Quais?
- Como vocês têm enfrentado estas mudanças?
- Você ajuda sua esposa com tarefas domésticas? Quais?
- Vocês brigam muito? Como você e sua esposa resolvem os problemas?
- Como é quando vocês divergem em algum ponto sobre os cuidados do bebê?

Manifestações de afeto e carinho entre pai-bebê

- Qual é o seu sentimento em relação ao seu filho?
- Como você manifesta carinho e afeto pelo seu filho?
- Você acha importante o pai demonstrar amor pelo seu filho? Por quê?
- Como você descreve a relação com seu filho neste momento?
- **Tu gostarias de acrescentar alguma coisa em tudo isso que a gente conversou?**

Relação pai-filho no futuro

Agora, eu gostaria de saber algumas expectativas suas sobre a relação com seu filho, no futuro.

- Enquanto pai, quais são seus planos futuros?
- Quais seus planos para o seu filho?
- Que tipo de atividades pretende realizar com seu filho? (lazer/estudo/esporte...)
- Que tipo de brincadeiras pretende realizar com seu filho?
- Como você pretende educar seu filho?
- O que você acha que caracteriza uma criança “bem educada”?
- O que você poderá ensinar para seu filho?
- Você acha que o pai é capaz de influenciar o desenvolvimento dos filhos (social ou cognitivo)?